



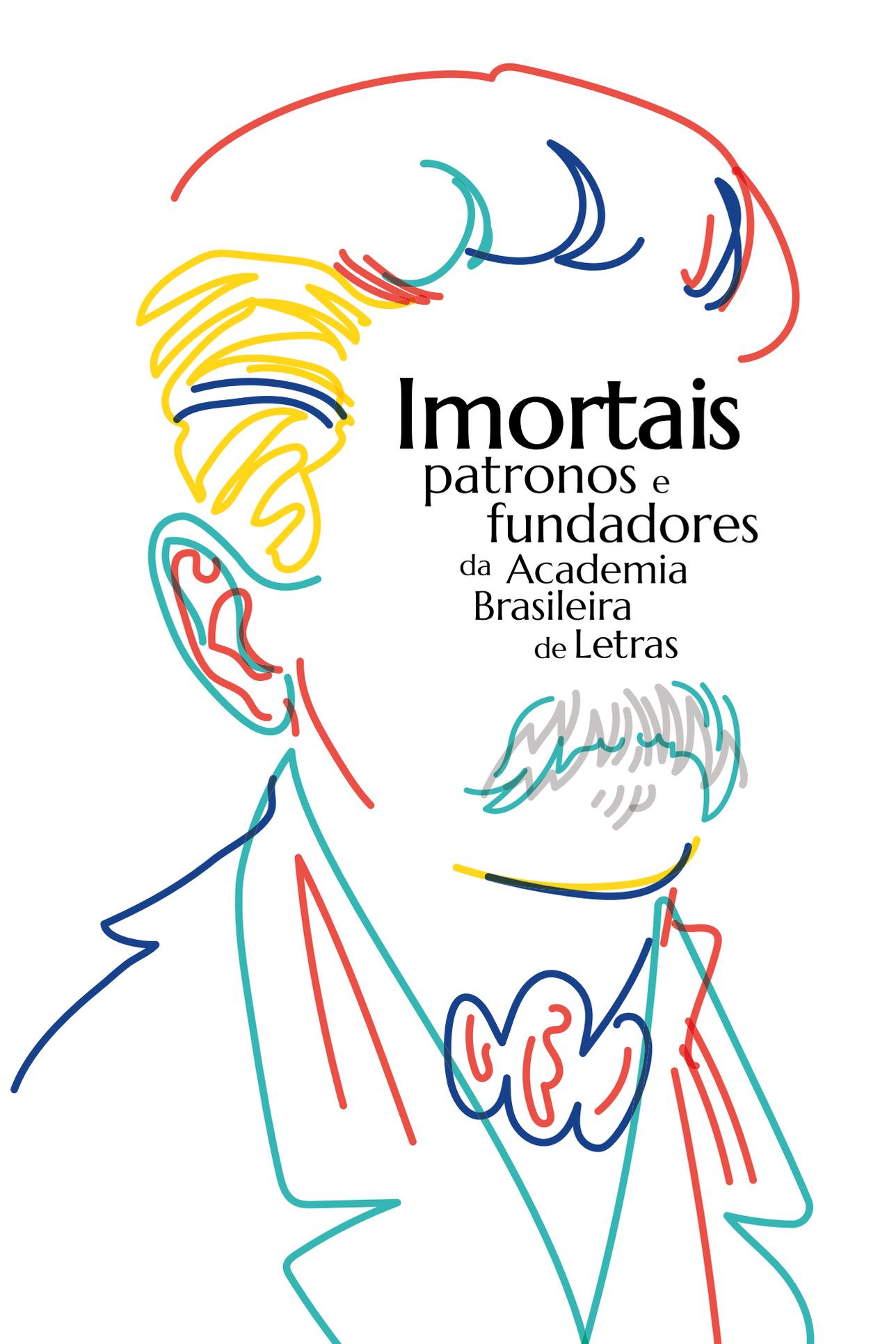
Imortais

patronos e
fundadores
da Academia
Brasileira
de Letras

PREFÁCIO DE MARCO LUCCHESI



edições
câmara



Imortais
patronos e
fundadores
da Academia
Brasileira
de Letras

Câmara dos Deputados

56ª Legislatura | 2019-2023

Presidente

Rodrigo Maia

1º Vice-Presidente

Marcos Pereira

2º Vice-Presidente

Luciano Bivar

1ª Secretária

Soraya Santos

2º Secretário

Mário Heringer

3º Secretário

Fábio Faria

4º Secretário

André Fufuca

Suplentes de Secretários

1º Suplente

Rafael Motta

2ª Suplente

Geovania de Sá

3º Suplente

Isnaldo Bulhões Jr.

4º Suplente

Assis Carvalho

Secretário-Geral da Mesa

Leonardo Augusto de Andrade Barbosa

Diretor-Geral

Sergio Sampaio Contreiras de Almeida

Academia Brasileira de Letras

Diretoria

Presidente

Marco Lucchesi

Secretário-Geral

Merval Pereira

Primeira-Secretária

Ana Maria Machado

Segundo-Secretário

Edmar Bacha

Tesoureiro

José Murilo de Carvalho



Câmara dos
Deputados

Imortais patronos e fundadores da Academia Brasileira de Letras

PREFÁCIO DE MARCO LUCCHESI



edições câmara

Câmara dos Deputados

Diretoria Legislativa: Afrísio de Souza Vieira Lima Filho

Centro de Documentação e Informação: André Freire da Silva

Coordenação Edições Câmara dos Deputados: Ana Lígia Mendes

Pesquisa e textos: Monique Cordeiro Figueiredo Mendes

Editor: Wellington Brandão

Preparação de originais: Sandra Gomes Serra

Projeto gráfico e diagramação: Inara Régia Cardoso

Ilustradores: Inara Régia Cardoso, Fabrizia Posada, Diego Moscardini, Rafael Benjamin

Linha Cidadania.

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)

Coordenação de Biblioteca. Seção de Catalogação.

Bibliotecária: Mariangela B. Lopes – CRB1: 1731

Imortais [recurso eletrônico] : patronos e fundadores da Academia Brasileira de Letras / prefácio de Marco Lucchesi. – Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2019.

Versão E-book

Modo de acesso: livraria.camara.leg.br

ISBN 978-85-402-0787-5

1. Escritor, biografia, Brasil. 2. Academia Brasileira de Letras (ABL). I. Brasil. Congresso Nacional. Câmara dos Deputados.

CDU 929

ISBN 978-85-402-0786-8 (papel)

ISBN 978-85-402-0787-5 (e-book)

Direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/2/1998.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida por qualquer meio, sem prévia autorização da Edições Câmara.

Venda exclusiva pela Edições Câmara.

Câmara dos Deputados

Centro de Documentação e Informação – Cedi

Coordenação Edições Câmara – Coedi

Palácio do Congresso Nacional – Anexo 2 – Térreo

Praça dos Três Poderes – Brasília (DF) – CEP 70160-900

Telefone: (61) 3216-5833

livraria.camara.leg.br

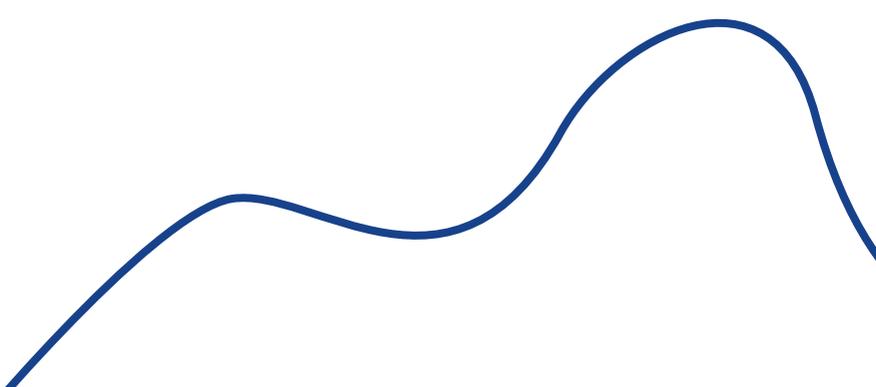
SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO por Rodrigo Maia	9
ACADEMIA COMO UM ALEPH por Marco Lucchesi	11
ADELINO FONTOURA	14
LUÍS MURAT	16
ÁLVARES DE AZEVEDO	18
COELHO NETO	20
ARTUR DE OLIVEIRA	22
FILINTO DE ALMEIDA	24
BASÍLIO DA GAMA	26
ALUÍSIO AZEVEDO	28
BERNARDO GUIMARÃES	30
RAIMUNDO CORREIA	32
CASIMIRO DE ABREU	34
TEIXEIRA DE MELO	36
CASTRO ALVES	38
VALENTIM MAGALHÃES	40
CLÁUDIO MANOEL DA COSTA	42
ALBERTO DE OLIVEIRA	44
GONÇALVES DE MAGALHÃES	46
CARLOS MAGALHÃES DE AZEREDO	48
EVARISTO DA VEIGA	50
RUI BARBOSA	52
FAGUNDES VARELA	54
LÚCIO DE MENDONÇA	56
FRANÇA JÚNIOR	58
URBANO DUARTE	60
FRANCISCO OTAVIANO	62

VISCONDE DE TAUNAY	64
FRANKLIN TÁVORA	66
CLÓVIS BEVILÁQUA	68
GONÇALVES DIAS	70
OLAVO BILAC	72
GREGÓRIO DE MATOS	74
ARARIPE JÚNIOR	76
HIPÓLITO DA COSTA	78
SÍLVIO ROMERO	80
JOÃO FRANCISCO LISBOA	82
JOSÉ VERÍSSIMO	84
JOAQUIM CAETANO DA SILVA	86
ALCINDO GUANABARA	88
JOAQUIM MANUEL DE MACEDO	90
SALVADOR DE MENDONÇA	92
JOAQUIM SERRA	94
JOSÉ DO PATROCÍNIO	96
JOSÉ BONIFÁCIO, O MOÇO	98
MEDEIROS E ALBUQUERQUE	100
JOSÉ DE ALENCAR	102
MACHADO DE ASSIS	104
JÚLIO RIBEIRO	106
GARCIA REDONDO	108
JUNQUEIRA FREIRE	110
FRANKLIN DÓRIA	112
LAURINDO RABELO	114
GUIMARÃES PASSOS	116
MACIEL MONTEIRO	118
JOAQUIM NABUCO	120



MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA	122
INGLÊS DE SOUSA	124
MARTINS PENA	126
ARTUR AZEVEDO	128
PARDAL MALLET	130
PEDRO RABELO	132
PEDRO LUÍS	134
LUÍS GUIMARÃES JÚNIOR	136
ARAÚJO PORTO-ALEGRE	138
CARLOS DE LAET	140
RAUL POMPEIA	142
DOMÍCIO DA GAMA	144
SOUSA CALDAS	146
J. M. PEREIRA DA SILVA	148
TAVARES BASTOS	150
RODRIGO OCTAVIO	152
TEÓFILO DIAS	154
AFONSO CELSO	156
TOMÁS ANTÔNIO GONZAGA	158
SILVA RAMOS	160
TOBIAS BARRETO	162
GRAÇA ARANHA	164
FRANCISCO ADOLFO DE VARNHAGEN	166
OLIVEIRA LIMA	168
VISCONDE DO RIO BRANCO	170
EDUARDO PRADO	172
REFERÊNCIAS	175



APRESENTAÇÃO

A linha editorial Cidadania, da Edições Câmara, tem colocado à disposição da sociedade obras voltadas à compreensão da história e cultura brasileiras, fundamentais à formação social do nosso povo.

Esta linha ganha ainda mais importância com o recente acordo celebrado entre a Câmara dos Deputados e a Academia Brasileira de Letras, em prol da disseminação da cultura nacional e da valorização do livro e da leitura. Em parceria, as instituições buscam promover a participação política consciente dos brasileiros.

Imortais: patronos e fundadores da Academia Brasileira de Letras é uma autêntica homenagem a essa centenária e basilar instituição. Ao apresentar os patronos e fundadores da Casa de Machado, guardiões de nossa língua e literatura, celebra-se a identidade brasileira pela memória dos grandes escritores do país.

Que com este livro possamos conhecer um pouco mais das significativas personalidades que registraram os seus nomes em nossa história com suas célebres obras; homens marcantes que tanto contribuíram para a escultura da alma nacional e para a idealização de sonhos que, dia após dia, lutamos para concretizar.

Rodrigo Maia

Presidente da Câmara dos Deputados

ACADEMIA COMO UM ALEPH

A Casa de Machado segue vigilante seu percurso. Como a iluminação do Aleph de Borges: o grande livro do mundo e as infinitas camadas de abismo. A vida exuberante da Academia produziu um generoso gabinete de maravilhas, situado em nosso acervo, herança dos *lares*, que nos precederam, repertório de imagens e ideias. A soma de nossa coleção retrata uma ideia fractal do país. Do micro ao macro espaço subsiste uma escala, uma analogia, como disse o doutor Cláudio, personagem de *O Ateneu*, quando se refere ao colégio e ao mundo. Um espelho claro e altivo acerca a nossa Instituição do país, dentro de cuja amplidão resplandece nosso rosto plural, sem dissolver a matéria prima da diferença que nos circunscreve, a mundivisão que integra e separa, reúne e distingue uma vocação para o diálogo e a hospitalidade.

A Academia tem vida própria e independente. Machado e Nabuco deram-lhe esse quantum. Buscamos formar anéis epistêmicos, áreas de encontro. Na esfera do consenso nos movemos: esfera compartilhada, princípio que assegura a circulação das ideias nas artérias do tempo.

O mundo se encaminha para a era da singularidade, na transmutação do átomo ao *byte*, no tempo das máquinas espirituais, segundo Ray Kurzweil, para quem a imortalidade, real e absoluta, será atingida nos idos de 2050. Sem milagre, mediante avanços da nanorrobótica e dos linfócitos T, sentinelas mais capacitados, com uploads renováveis, no combate às doenças. São as famosas atalaias da vida contra a morte, do antigo doutor Curvo Semedo, pequeníssimos robôs que circulam dentro do corpo, para defendê-lo das teias da Indesejada.

A realizar-se a imortalidade, teremos de ampliar as cadeiras da Casa, pois não haverá vagas abertas e sessões da saudade, que hoje nos consolam e fortalecem. Não haverá mais despedidas. E as cadeiras chegarão a centenas de milhares de acadêmicos ao longo dos séculos, todos contemporâneos. Imagino como seria conviver nesta tarde com Rosa, Machado, Euclides e Bilac, e ouvi-los com detença e inegável emoção.

Kurzweil acertou não poucas previsões e viu-se obrigado a refinar outras tantas. Se não estiver errado, quem chegar a meados deste século assistirá à mais veemente mutação antropológica: as núpcias do homem com a máquina, preservado o software do cérebro, os limites do ego e o inconsciente.

O que dirão a bioética e a psicanálise, como reagirá a teologia, com o inferno, abarrotado, e o Paraíso, com taxa negativa e colapso demográfico? O que fazer do fascinante eterno retorno de Nietzsche? Como administrar a mísera sorte e a estranha condição de imortais da Academia, quando todos seremos imortais *sui juris*?

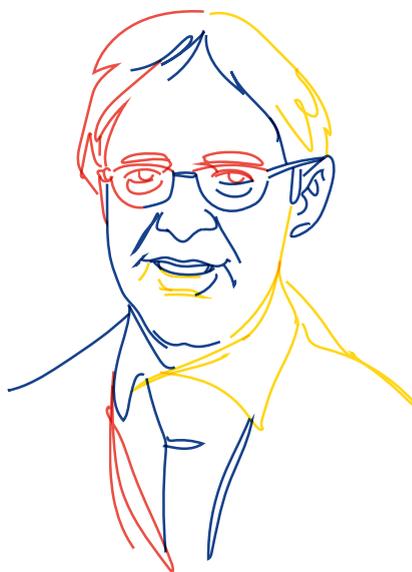
Ora, direis, ouvir futuristas! Senhoras e senhores, não perdi o senso da realidade, embora o risco seja enorme quando se exerce a presidência da Academia. Mantenho o siso. Ou: assim é se me parece. Contudo, para enfrentar a realidade é preciso alcançá-la a médio e longo prazo. A tarefa não é apanágio da economia ou da cartomante de Machado.

A Academia, antes das máquinas espirituais, tornou-se uma hipermídia acessível aos motores de busca do ciberespaço. Seria muito bem-vindo o tema para uma agenda do século: academias em rede – por uma integração das infovias culturais.

Olhar o mundo não implica desfocar o Brasil, nem tampouco submeter-se a um arroubo cosmopolita, isento de raiz. Trata-se de reverberar a sinergia das culturas do Brasil para o mundo, espelho de interfaces, segundo a nova realidade híbrida, física e virtual, por onde circulamos. Tornar visível nossa matéria-prima, quanto de mais valioso fizemos, os brasileiros, e oferecê-la ao concerto das nações, é nosso dever, no elogio da diferença e na cultura da paz, de cujo patrimônio não podemos abrir mão. Projetar a Academia no Brasil e no mundo exige uma ética do acesso e do percurso. Disponibilizar a memória em rede redimensiona as potências coletivas, a sabedoria das multidões, as nuvens da memória em conteúdo crescente, como a Lua.

Uma delegação para a imortalidade simbólica, herança do futuro físico e virtual, povoado de herdeiros.

Eis o capital de nosso Aleph. O que sonhamos e quanto consolidamos, sonhos e devaneios de que somos feitos, a partir de uma densa fenomenologia do tempo.



Marco Lucchesi

Presidente da Academia Brasileira de Letras

CADEIRA 1
PATRONO

Adelino Fontoura

Nasce em 30 de março de 1859, no município de Axixá (MA), filho de Antônio Fontoura Chaves e de Francisca Dias Fontoura.

Já alfabetizado, vai trabalhar em casa comercial. Torna-se amigo de um rapaz quatro anos mais velho, que trabalha no armazém ao lado. Este jovem, seu vizinho, chama-se Artur Azevedo.

Em 1879, após o encontro, no Rio de Janeiro, com o amigo Artur Azevedo, então amanuense da Secretaria de Cultura, os dois saem à procura de emprego para o recém-chegado, percorrendo os teatros da cidade na esperança de uma vaga.

Em 1880, com a fundação de *O Combate*, inicia sua carreira de jornalista, que perdura pelo restante de sua curta existência. Em 1883, José do Patrocínio compra a *Gazeta da Tarde* e convida Adelino para fazer parte da redação. Oferece-lhe a representação do jornal em Paris. Ele aceita, mas os sintomas da tuberculose já o acompanham.

No dia 2 de maio de 1884, Adelino Fontoura Chaves falece, no Real Hospital de São José, onde se encontra internado.



ADELINO FONTOURA
Ator, jornalista e poeta



CADEIRA 1
FUNDADOR

Luís Murat

Nasce Luís Norton Barreto Murat, filho de Thomaz Norton Murat, em Itaguaí (RJ), a 4 de maio de 1861.

Depois de concluir os estudos básicos no Colégio Pedro II, segue para São Paulo, onde, em 1880, presta os exames preparatórios, matriculando-se em 1881 no curso de ciências jurídicas e sociais da Faculdade de Direito, bacharelando-se em 17 de março de 1886.

Retornando ao Rio de Janeiro, colabora em várias revistas e jornais, tornando-se, com Artur Azevedo, um dos fundadores e redator da revista *Vida Moderna*.

Falece no Rio de Janeiro, em 3 de julho de 1929.



LUÍS MURAT

Jornalista, poeta, filósofo e político

CADEIRA 2

PATRONO

Álvares de Azevedo

A 12 de setembro de 1831, nasce Manuel Antônio Álvares de Azevedo, na cidade de São Paulo, filho de Inácio Manuel Álvares de Azevedo e de Maria Luísa Carlota Silveira da Mota Azevedo.

Em 1837, ao matricular-se num colégio de Niterói (RJ), declaram-no incapaz para o aprendizado.

Em 1840, com a idade de nove anos, matricula-se no Colégio Stoll, no Rio de Janeiro, tornando-se um dos mais notáveis alunos. É o primeiro em todas as matérias, à exceção de ginástica.

Em 1844, por motivo de doença e a conselho médico, é obrigado a interromper o curso de humanidades, retornando a São Paulo à procura de um clima mais apropriado ao seu tratamento. Regressa à corte e, após um ano de tratamento, o professor barão de Planitz encarrega-se de prepará-lo para ingressar no Colégio Pedro II. Com brilhantismo invulgar, conclui o curso de bacharel em letras.

Com tuberculose pulmonar e após sofrer uma queda de cavalo, surge-lhe um tumor na fossa ilíaca e sua já frágil saúde piora.

Falece no dia 25 de abril de 1852, com 20 anos de idade, quando então morava na rua do Infante (atual Dois de Dezembro), no Rio de Janeiro.



ÁLVARES DE AZEVEDO
Poeta, contista e ensaísta

CADEIRA 2

FUNDADOR

Coelho Neto

Henrique Maximiano Coelho Neto, filho do comerciante português Antônio da Fonseca Coelho e de Ana Silvestre Ferreira, de origem indígena, nasce em Caxias (MA), a 21 de fevereiro de 1864.

Em 1870 seus pais mudam-se para o Rio de Janeiro, e Coelho Neto vai estudar no Colégio Jordão, Mosteiro de São Bento e no Colégio Pedro II. Por ter concluído o curso, em 1883, requer a certidão de aprovação para matricular-se em curso superior, no que é atendido. Matricula-se, então, no primeiro ano do curso jurídico da Faculdade de Direito de São Paulo, mas abandona o curso e retorna ao Rio de Janeiro.

Em 1892 é nomeado professor da cadeira de história das artes.

É nomeado lente de literatura do ginásio de Campinas (SP), após vencer com brilhantismo o concurso para o cargo.

Retornando, definitivamente, ao Rio de Janeiro, é nomeado em 1909 professor de literatura no Colégio Pedro II. Leciona também história das artes e literatura dramática na Escola Dramática Municipal, na qual ocupa, também, o cargo de diretor.

Na política, elege-se deputado pelo estado do Maranhão em três legislaturas.

Na Academia Brasileira de Letras, é eleito presidente em 1926. Falece no Rio de Janeiro, em 28 de novembro de 1934.



COELHO NETO

Contista, cronista, conferencista,
romancista e teatrólogo

CADEIRA 3
PATRONO

Artur de Oliveira

A 11 de agosto de 1851, na cidade de Porto Alegre, nasce Artur Soares de Oliveira, filho primogênito de João Domingos de Oliveira, comandante de barcas do rio Guaíba, e de Maria Angélica Soares de Oliveira.

Matricula-se na aula de primeiras letras do Colégio Brasileiro, de Eudoro B. Berlink, em Porto Alegre.

Em 1867 é enviado ao Rio de Janeiro para começar estudos preparatórios a novos cursos, e lá conhece Caetano Filgueiras, Machado de Assis, Ferreira Guimarães e Pires de Almeida.

Em 1868 chega ao colégio religioso do Caraça (MG), onde inicia o curso de humanidades, ali permanecendo até 1869.

De volta ao Rio de Janeiro, matricula-se no Colégio do Barão de Tautphoeus, dando início aos estudos preparatórios para a Faculdade de Direito de Recife. Segue para a Europa, com o objetivo de matricular-se na Universidade de Berlim, mas retorna ao Brasil em 1872 sem completar nenhum curso. Fixa residência no Rio de Janeiro, onde se dispõe a lecionar diversas matérias, principalmente o francês, chegando a lente da Escola Normal.

Em 1874 passa por um período de repouso nas montanhas do interior do Rio de Janeiro, em busca de melhora para os males dos pulmões.

Casa-se com Francisca Teixeira Leite Ten-Brinck, viúva, filha de Francisco José Teixeira Leite, barão de Vassouras. Desse casamento, nasce a menina Letícia, falecida muito jovem.

Falece no Rio de Janeiro, em 21 de agosto de 1882, em decorrência de tuberculose.



ARTUR DE OLIVEIRA
Cronista, professor e poeta



CADEIRA 3
FUNDADOR

Filinto de Almeida

Francisco Filinto de Almeida nasce a 4 de dezembro de 1857, na cidade do Porto (Portugal), e vem para o Brasil com dez anos de idade, naturalizando-se brasileiro.

Casa-se com a romancista Júlia Lopes de Almeida, em Lisboa, a 28 de novembro de 1887, com quem escreve em parceria o romance *A casa verde*.

Elege-se deputado à Assembleia Legislativa de São Paulo, de 1892 a 1897.

Falece no Rio de Janeiro em 28 de janeiro de 1945.



FILINTO DE ALMEIDA

Jornalista, teatrólogo, romancista,
poeta e cronista

CADEIRA 4
PATRONO

Basílio da Gama

José Basílio da Gama Villas-Boas, filho do capitão-mor Manuel da Costa Vilas-Boas e de Quitéria Inácia da Gama, nasce na data provável de 22 de junho de 1741, no sítio Caxeu, em Tiradentes (MG).

Pelas mãos de Alpoim, ingressa no colégio dos jesuítas, mantido pela Companhia de Jesus, onde permanece até 1759, quando o colégio é fechado por decreto, no reinado de D. José I, na perseguição aos jesuítas.

Em 1774 é nomeado oficial da secretaria de Estado dos negócios do reino pelo marquês de Pombal.

Em 1787 é guindado à condição de Cavaleiro Fidalgo da Casa Real, por Carta Régia desta data.

Em 1790 é agraciado com o Hábito da Ordem de São Tiago da Espanha. Em 1793 é agraciado com a Ordem de Cristo.

Pouco antes de sua morte, é eleito sócio correspondente da Academia Real das Ciências de Lisboa. Em 31 de julho de 1795 morre em Lisboa.



BASÍLIO DA GAMA
Poeta

CADEIRA 4
FUNDADOR

Aluísio Azevedo

Aluísio Tancredo Gonçalves Azevedo nasce em São Luís (MA), a 14 de abril de 1857, filho de David Gonçalves de Azevedo, vice-cônsul português no Maranhão, e de Emília Amália Pinto de Magalhães, ambos portugueses.

Até 1870, dedica-se somente aos estudos. Nesse ano, como já o fizera seu irmão Artur, também se emprega como caixeiro em armazém, acumulando estudo e trabalho.

Mais tarde deixa o emprego e matricula-se no Liceu Maranhense, dirigido pelo professor Sotero do Reis. Em 1871, estuda pintura com Domingos Tribuzzi, velho artista italiano.

Em 1876, com dezenove anos, embarca para o Rio de Janeiro, onde já se encontrava o irmão Artur, e matricula-se na Imperial Academia de Belas Artes. Nesse mesmo ano já passa a colaborar com caricaturas em periódicos locais.

Com a morte do pai, retorna a São Luís, onde passa a colaborar na imprensa. A 7 de setembro de 1881, embarca para o Rio de Janeiro.

Em 1895 ingressa na diplomacia. O primeiro posto foi em Vigo, na Espanha. Depois serve no Japão, na Argentina, na Inglaterra e na Itália. Passa a viver em companhia de Pastora Luquez, de nacionalidade argentina, e adota os dois filhos dela.

A 28 de janeiro de 1897 é eleito para a Academia Brasileira de Letras. Falece na Argentina em 21 de janeiro de 1913.



ALÚSIO AZEVEDO

Romancista, teatrólogo, caricaturista,
contista e cônsul

CADEIRA 5
PATRONO

Bernardo Guimarães

Em 15 de agosto de 1825, no bairro das Cabeças, em Ouro Preto (MG), nasce Bernardo Joaquim da Silva Guimarães, quinto filho do casal João Joaquim e Constança Beatriz.

Muda-se para Uberaba (MG). Faz ali os estudos das primeiras letras, permanece até 1832. Posteriormente vai estudar no seminário de Campo Belo, atual Campina Verde (MG), dedicando-se aos ensinamentos preparatórios ministrados pelos padres lazaristas. Em fins de 1839, retorna a Uberaba.

Em 1847, Bernardo segue para São Paulo, a fim de ingressar na faculdade de direito, onde permanece até a conclusão do curso, em 1852. Procedente de São Paulo, o recém-formado bacharel Bernardo Guimarães chega a Goiás para assumir os cargos de juiz municipal e delegado de polícia, em Catalão (GO).

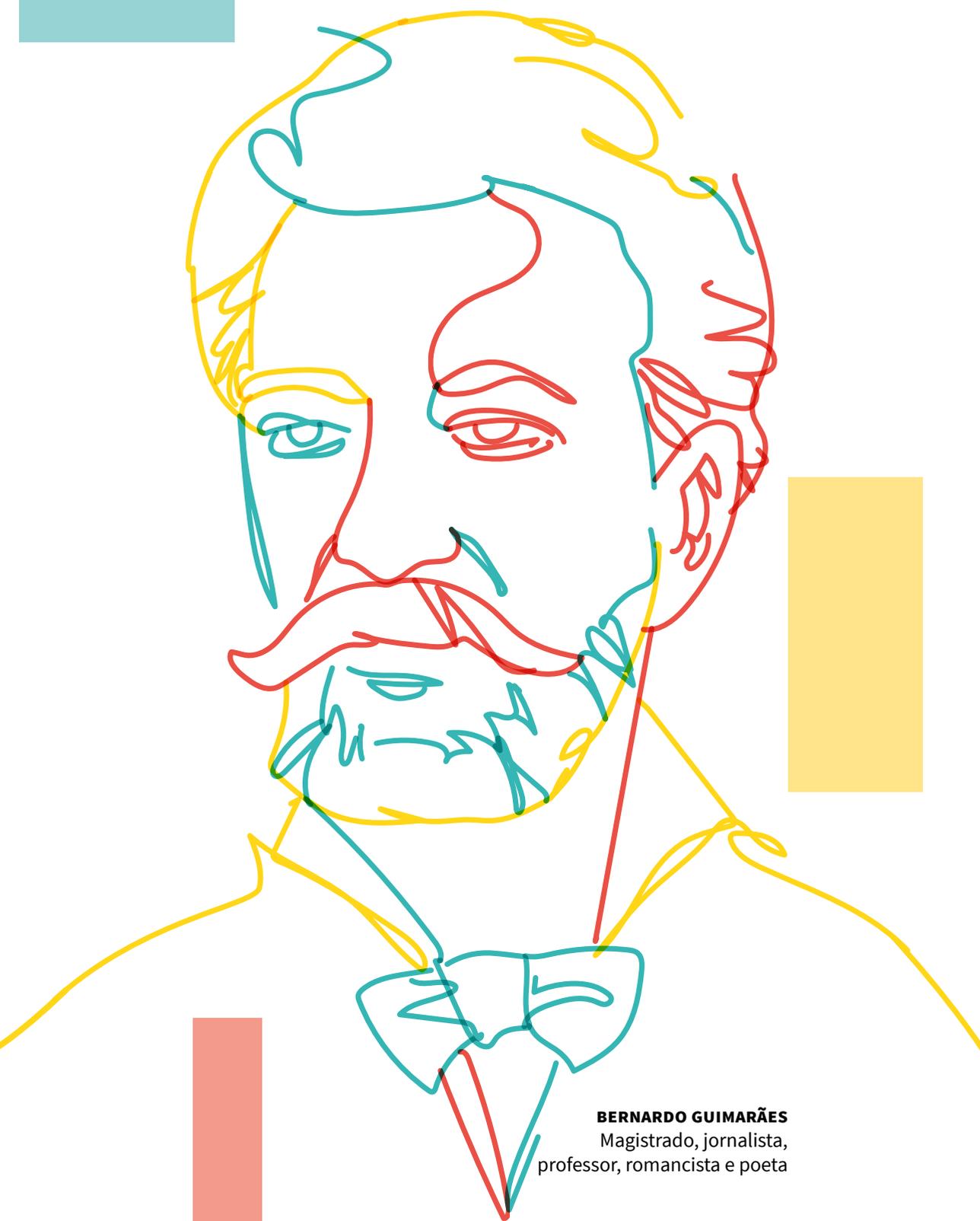
Em 1856, a convite do conselheiro Diogo de Vasconcelos, passa a lecionar gramática, filosofia e retórica no Liceu Mineiro, em Ouro Preto, onde permanece até a morte de seu pai.

É empossado como juiz municipal e de órfãos do termo de Catalão. Ali permanece até fins de 1863.

Em 1864 regressa à corte, juntando-se, dessa vez, à equipe do *Jornal do Commercio*, na função, nova, para ele, de cronista político.

No dia em que completa 42 anos de idade, casa-se na igreja de São José, de Ouro Preto, com Teresa Maria Gomes.

A 10 de março de 1884, em sua casa no bairro Alto das Cabeças, em Ouro Preto, morre Bernardo Guimarães.



BERNARDO GUIMARÃES
Magistrado, jornalista,
professor, romancista e poeta

CADEIRA 5
FUNDADOR

Raimundo Correia

Raimundo da Mota de Azevedo Correia, filho do desembargador José da Mota de Azevedo Correia e de Maria Clara Vieira da Mota de Azevedo Correia, ambos maranhenses, nasce a bordo do navio brasileiro São Luiz, ancorado na baía de Mangunça, costas da província do Maranhão, enquanto seus pais aguardam o início da viagem que os levará para o Rio de Janeiro, a 13 de maio de 1859.

Estuda as primeiras letras em Cabo Frio (RJ), onde seu pai é juiz de direito, continuando os estudos no internato do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, ali permanecendo até 1876.

Em 1878, matricula-se na faculdade de direito. Em 1882, conclui o curso de bacharelado em ciências jurídicas e sociais. Logo depois é nomeado promotor de justiça em São João da Sarra (RJ); depois em São João do Príncipe (hoje um distrito do município de Lúna (ES) e Vassouras, ainda no Rio de Janeiro.

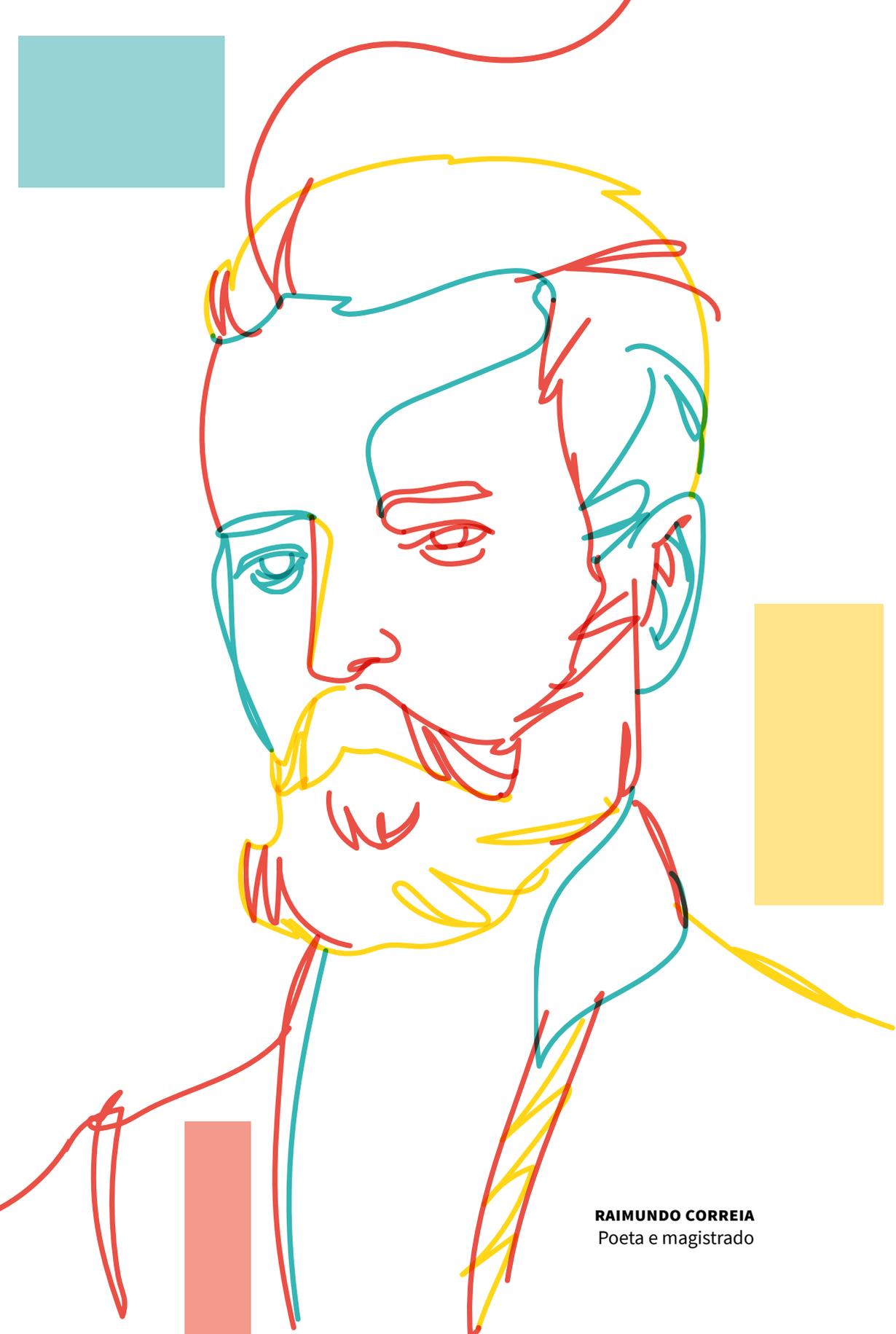
Casa-se com Mariana de Abreu Sodré, filha de conceituada família de Vassouras.

Raimundo chega a Ouro Preto (MG) e é nomeado diretor da secretaria de finanças do estado, onde permanece até 1896.

Em janeiro de 1897 é nomeado segundo secretário da legação brasileira em Portugal. Em 1899, está de volta ao Brasil, residindo em Niterói e em Petrópolis, no estado do Rio de Janeiro.

A partir de fins de 1899, fixa residência no Rio de Janeiro, exercendo a magistratura.

Em 1911, à procura de melhoras para seus problemas renais, viaja para a Europa, fixando-se em Paris, onde falece a 13 de setembro.



RAIMUNDO CORREIA
Poeta e magistrado

CADEIRA 6

PATRONO

Casimiro de Abreu

Em 4 de janeiro de 1839, nasce Casimiro José Marques de Abreu, filho do comerciante português José Joaquim Marques de Abreu e de Luísa Joaquina das Neves Travanca, na Fazenda Indaiáçu, Freguesia da Sacra Família da Vila da Barra de São João, hoje distrito do município de Casimiro de Abreu (RJ).

O aprendizado das primeiras letras acontece em Barra de São João e continua em Cabo Frio (RJ). Depois é levado para Nova Friburgo (RJ) e ali matriculado no instituto colegial do professor John Henry Freese, mais conhecido como Colégio Freese.

Seu pai envia-o para Lisboa aos cuidados do tio para que o filho consolide sua carreira no comércio.

Em 1857, a bordo do paquete inglês Avon, Casimiro despede-se de Lisboa, desembarcando no Rio de Janeiro no dia 9 de julho. Chegando de Portugal vai imediatamente para a fazenda de Indaiáçu, só retornando ao Rio de Janeiro em agosto, para ingressar, novamente, na firma Câmara, Cabral & Costa.

Trava longa luta contra a tuberculose. Em 18 de outubro de 1860, morre vítima da doença que o perseguia.



CASIMIRO DE ABREU
Poeta

CADEIRA 6
FUNDADOR

Teixeira de Melo

José Alexandre Teixeira de Melo, filho do também José Alexandre Teixeira de Melo e de Eugênia Maria da Conceição Torres, nasce em Campos dos Goitacazes (RJ), em 28 de agosto de 1833.

Terminado o curso de humanidades no Seminário São José, ingressa na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, concluindo o curso em 1859. Permanece em Campos até 1875, clinicando e colaborando na imprensa campista e do Rio de Janeiro.

Muda-se para o Rio de Janeiro em 1875. Por decreto imperial de 24 de março de 1876, é nomeado chefe de seção de manuscritos da Biblioteca Nacional, transferindo-se para a seção de impressos em 1882. É nomeado diretor da Biblioteca Nacional de 1895 a 1900, quando se aposenta.

Como fundador da Cadeira 6 da Academia Brasileira de Letras, escolheu como patrono o poeta Casimiro de Abreu, de quem fora amigo. Falece no Rio de Janeiro, a 10 de abril de 1907.



TEIXEIRA DE MELO
Médico, jornalista, poeta
e historiador

CADEIRA 7

PATRONO

Castro Alves

No dia 14 de março de 1847, na Fazenda Cabaceiras no município de Currulino, hoje Castro Alves (BA), nasce Antônio Frederico de Castro Alves.

Estuda no Colégio São João, ou Colégio Sebrão, como também era conhecido, cujo proprietário é Francisco Pereira de Almeida Sebrão Filho, nos anos de 1856 e 1857. Aí permanece até 1861, quando termina o curso ginasial.

Matricula-se, depois, no curso jurídico, em Recife. Seu irmão mais velho, José Antônio, suicida-se por ingestão de veneno, com apenas dezoito anos.

Castro Alves namora Idalina, com quem vive na rua do Lima, Recife. Conhece, posteriormente, a atriz Eugênia Câmara, com quem passa a viver no Barro, subúrbio de Recife.

Ele, Eugênia Câmara e sua filha, Emília, vão morar no Solar da Boa Vista, propriedade da família de Castro Alves em Salvador.

Transferindo-se com a família para São Paulo, o poeta se matricula no curso jurídico. A partir de julho, Castro Alves e Eugênia Câmara passam a morar separadamente: ele, numa república, e ela, no Largo da Forca.

Em sua breve estadia em São Paulo fere o calcanhar num acidente de caça e volta à Bahia, onde é operado. Após a amputação do pé, o organismo já abalado pela tuberculose não tem condições de resistir e Castro Alves falece em 1871, aos vinte e quatro anos de idade.



CASTRO ALVES
Poeta e dramaturgo

CADEIRA 7
FUNDADOR

Valentim Magalhães

Antônio Valentim da Costa Magalhães Júnior nasce no Rio de Janeiro, no dia 16 de janeiro de 1859, filho de Antônio Valentim da Costa Magalhães, natural de Portugal, e Maria Custódio Meira Magalhães, do Rio de Janeiro.

Completados os estudos básicos, humanísticos e preparatórios, matricula-se na Faculdade de Direito de São Paulo em 1877, recebendo o grau de bacharel em ciências jurídicas e sociais no ano de 1881.

Em 1882, já casado com Adelina da Costa Magalhães e pai de um filho, regressa ao Rio de Janeiro, indo advogar em Piraí (RJ), no escritório de seu tio dr. João Alves Meira.

Em 1883 fixa residência definitiva no Rio de Janeiro, sendo nomeado professor de pedagogia da Escola Normal. Em 1894 viaja à Europa. Valentim de Magalhães falece no Rio de Janeiro, em 17 de maio de 1903.



VALENTIM VAGALHÃES

Advogado, professor, jornalista,
poeta, contista, romancista, crítico e
teatrólogo

Cláudio Manoel da Costa

Em 1729 nasce Cláudio Manoel da Costa, filho de João Gonçalves da Costa, português, e de Teresa Ribeiro de Alvarenga, descendente de família paulista, no sítio da Vargem de Itacolomi, proximidades da então Vila do Ribeirão do Carmo, hoje cidade de Mariana (MG), presumivelmente no dia 5 de junho.

Concluídos os estudos, segue para o Colégio dos Jesuítas no Rio de Janeiro. Ali permanece até sua ida para a Universidade de Coimbra, onde se matricula em 1749 e cursa cânones, até 1753. Depois de visitar alguns países da Europa, retorna definitivamente ao Brasil, sendo nomeado almotacé em Ouro Preto (MG).

Completa o levantamento da “carta topográfica” de Vila Rica, pela qual recebe um prêmio doado pela Câmara Municipal. É eleito supranumerário da Academia Brasílica dos Renascidos.

Cláudio é nomeado pelo conde de Bobadela secretário do governo da capitania de Minas Gerais.

Em 15 de março de 1789 ocorre a primeira denúncia da organização da Conjuração, por Joaquim Silvério dos Reis, ao visconde de Barbacena. A 10 de maio, Tiradentes é preso, no Rio de Janeiro; a 23 do mesmo mês, Tomás Antônio Gonzaga também é preso e levado ao Rio de Janeiro; a 25 de junho, acontece a prisão de Cláudio, que é interrogado na Casa dos Contos no dia 2 de julho. No dia 4, Cláudio é encontrado morto na prisão.



CLÁUDIO MANOEL DA COSTA
Advogado, magistrado e poeta

CADEIRA 8
FUNDADOR

Alberto de Oliveira

Antônio Mariano Alberto de Oliveira, filho de José Mariano de Oliveira e de Maria da Encarnação, nasce em Palmital de Saquarema (RJ), no dia 28 de abril de 1857.

Em 1869, com o curso primário terminado, o jovem “goza de dois anos de vida livre”. Em 1871, a família muda-se para São João do Itaboraí.

Em 1877, com vinte anos, vai morar em Niterói (RJ) com o irmão José Mariano. Em 1881, já com a família residindo em Niterói desde 1879, matricula-se nos preparatórios do Colégio Aquino, do Rio de Janeiro, habilitando-se para o curso de farmácia, no ano seguinte.

Em 1892 é nomeado oficial de gabinete do presidente do estado do Rio de Janeiro, e, nesse mesmo ano, inspetor da Instrução Pública; em 1893, diretor da Instrução Pública.

Em 1899, casa-se com a viúva Maria da Glória Rebelo Moreira, que lhe deu seu único filho, Antar, nascido em 1901.

Leciona português e história literária no Colégio Pio Americano, do Rio de Janeiro. A partir de 1914, passa a lecionar na Escola Normal.

Falece, em Niterói (RJ), no dia 19 de janeiro de 1937, em casa de seu irmão Luís Mariano.



ALBERTO DE OLIVEIRA
Professor e poeta

CADEIRA 9

PATRONO

Gonçalves de Magalhães

A 13 de agosto de 1811, no Rio de Janeiro, nasce Domingos José Gonçalves de Magalhães, filho de Pedro Gonçalves de Magalhães Chaves – de descendência portuguesa –, e de mãe brasileira.

Ingressa no curso de filosofia ministrado pelo frei Francisco de Monte Alverne no Seminário Episcopal de São José.

Viaja à Europa, onde encontra diversos amigos. De regresso ao Brasil, desembarca no Rio de Janeiro.

Faz parte do grupo dos primeiros professores do Colégio Pedro II. Por decreto é nomeado Cavaleiro da Ordem Imperial do Cruzeiro, pelos serviços prestados na província do Maranhão, como secretário do governo. Em 2 de dezembro (aniversário do imperador), é agraciado com a comenda da Ordem de Cristo.

Casa-se com Januária de Sá Pinto Ribeiro.

É condecorado com as comendas da Ordem de Francisco Primeiro e Ordem da Rosa. É encarregado de negócios do Brasil na Espanha, Rússia e Áustria-Hungria.

É agraciado com o título de barão de Araguaia, pelo imperador do Brasil, D. Pedro II.

A 10 de julho de 1882, falece em Roma, ainda exercendo as funções que lhe foram atribuídas junto à Santa Sé.



GONÇALVES DE MAGALHÃES
Médico, diplomata, historiador,
professor, poeta e dramaturgo

CADEIRA 9
FUNDADOR

Carlos Magalhães de Azeredo

Carlos Magalhães de Azeredo, filho de Caetano Pinto de Azeredo e de Leopoldina Magalhães de Azeredo, nasce na cidade do Rio de Janeiro, no sábado de 7 de setembro de 1872, no 50º aniversário da Independência do Brasil.

Depois de cursar o Colégio de São Carlos, no Porto, e o Colégio de São Luís, em Itu (SP), ingressa na Faculdade de Direito de São Paulo, em 1889, bacharelando-se em Ciências Jurídicas e Sociais, em 1893. Em 1895, abraça a carreira diplomática, iniciando-a no cargo de secretário da legação do Brasil no Uruguai, onde permanece até 1896.

Antes de deixar o Uruguai, casa-se em Montevideú, com Maria Luisa Caymari.

Torna-se embaixador em Roma, exercendo esse cargo até sua aposentadoria. Falece a 4 de novembro de 1963.



CARLOS MAGALHÃES DE AZEREDO
Bacharel em direito, diplomata,
contista, ensaísta e conferencista

CADEIRA 10
PATRONO

Evaristo da Veiga

Na cidade do Rio de Janeiro, no dia 8 de outubro de 1799, nasce Evaristo Ferreira da Veiga Barros, filho de Francisco Luís Saturnino da Veiga e de Francisca Xavier de Barros.

Enquanto desenvolve seus estudos, ajuda o pai e o irmão João Pedro nos afazeres da livraria, na rua da Alfândega. Depois do aprendizado das primeiras letras com seu pai, Evaristo inicia o estudo de línguas e retórica.

Escreve as letras de alguns hinos patrióticos.

Casa-se com Edeltrudes Maria da Ascensão. Desse casamento nascem as três filhas.

Desliga-se da livraria do pai e abre a sua própria, formando a sociedade João Pedro da Veiga & Comp., estabelecida na esquina das ruas da Quitanda e de São Pedro. Logo desfaz a sociedade com o irmão e compra a livraria de Jean Baptiste Bompard, na rua dos Pescadores.

É eleito para o Instituto Histórico de Paris, como sócio, na classe de correspondente. Elege-se deputado à Assembleia Geral Legislativa.

Falece em 12 de maio de 1837.



EVARISTO DA VEIGA

Poeta, jornalista, político e livreiro

CADEIRA 10
FUNDADOR

Rui Barbosa

Rui Barbosa de Oliveira, filho do dr. João José Barbosa de Oliveira e de Maria Adélia Barbosa de Oliveira, nasce na cidade de Salvador, a 5 de novembro de 1849.

Completados os estudos primários, ingressa no Ginásio Baiano, do dr. Abílio César Borges, onde conclui o curso de humanidades em 1864, com apenas quinze anos, o que não lhe permite ingressar imediatamente na faculdade. Enquanto espera chegar a idade permitida, estuda alemão com o professor Adolfo Hasselman.

Em 1866, matricula-se na Faculdade de Direito de Recife, e aproveita esse ano para estudar, também, o idioma inglês. Resolve deixar a Faculdade de Recife e matricula-se na Faculdade de Direito de São Paulo. Bacharelando-se em 1870, retorna à Bahia e ingressa no Partido Liberal baiano.

Casa-se com Maria Augusta Viana Bandeira, com quem tem cinco filhos.

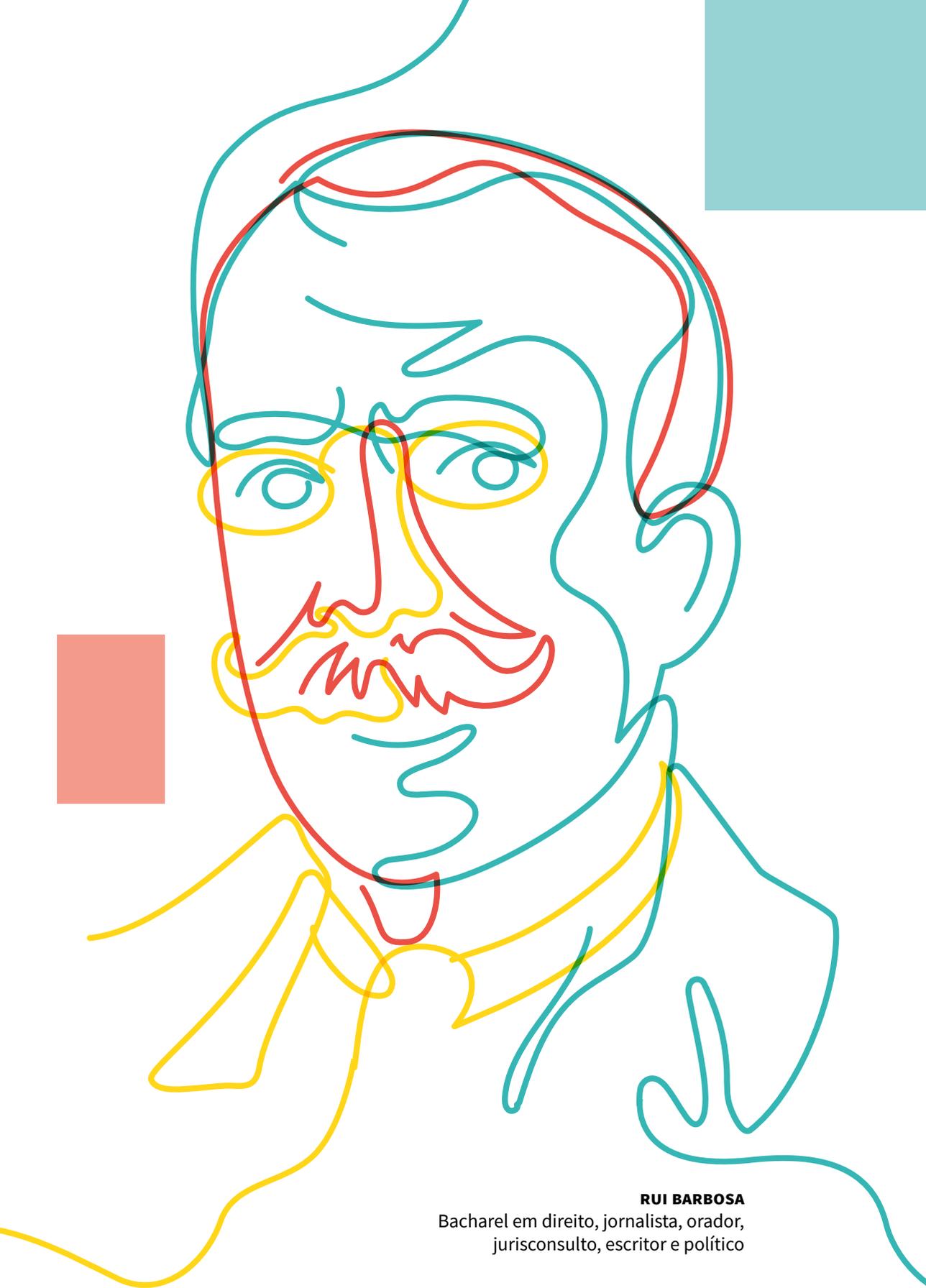
É eleito deputado à Assembleia Legislativa Provincial da Bahia, pelo Partido Liberal e deputado-geral.

Opositor de Floriano Peixoto, Rui deixa o país, só retornando em definitivo ao Brasil após a posse de Prudente de Moraes, em 15 de novembro de 1894.

Em 30 de dezembro de 1899, Rui é eleito, mais uma vez, para o Senado, e reeleito em 1905. Em 26 de outubro de 1906 é eleito vice-presidente do Senado federal, cargo mantido até 1909. É convidado pelo barão do Rio Branco (José Maria da Silva Paranhos Júnior) para chefiar a Delegação Brasileira à Conferência da Paz, em Haia.

Após a morte de Machado de Assis em 1908, Rui Barbosa assume a presidência da Academia Brasileira de Letras, até 1919.

Rui Barbosa morre no dia 1º de março de 1923, em sua casa de Petrópolis (RJ).



RUI BARBOSA

Bacharel em direito, jornalista, orador,
jurisconsulto, escritor e político

CADEIRA 11

PATRONO

Fagundes Varela

A 17 de agosto de 1841, na Fazenda Santa Rita, nas proximidades do então arraial de Nossa Senhora da Piedade do Rio Claro, hoje cidade de Rio Claro (RJ), nasce Luís Nicolau Fagundes Varela, filho de Emiliano Fagundes Varela e de Emilia Carolina de Andrade Varela.

Muda-se para Angra dos Reis (RJ) e estuda com o professor José de Souza Lima. Em nova mudança, agora para a serrana Petrópolis (RJ), onde permanece por 3 anos, continua os estudos com o professor Jacinto Augusto de Matos, do Colégio Kopke. Depois em Niterói (RJ), entrega-se aos estudos preparatórios para submeter-se aos exames de admissão na Faculdade de Direito de São Paulo.

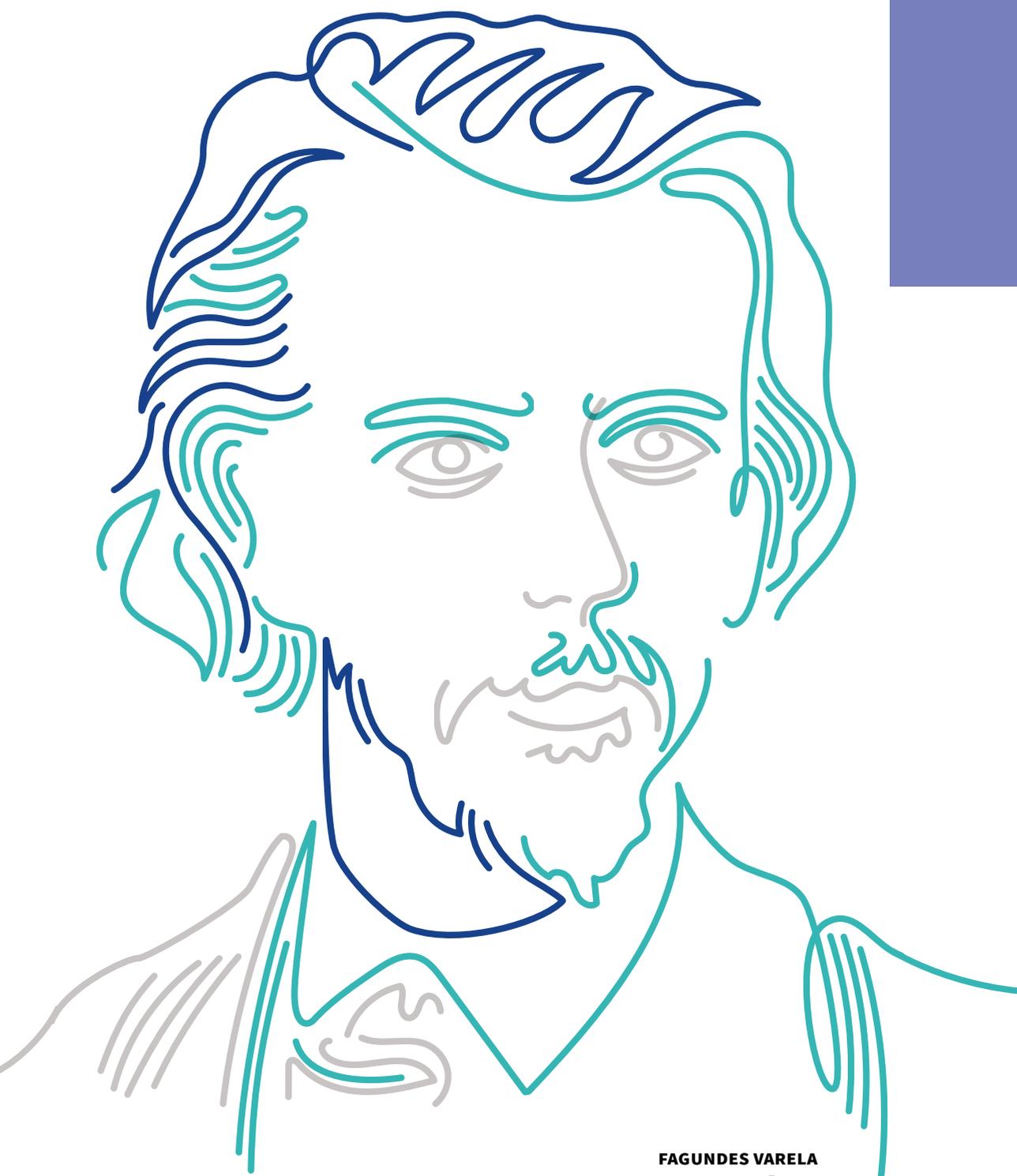
Em 1862 casa-se na igreja matriz de Sorocaba (SP), com Alice Guilhermina Luande.

Abandona os estudos e retorna a Rio Claro, seu berço natal.

Com a morte da esposa, casa-se com sua prima Maria Belisária de Andrade, na Fazenda dos Coqueiros, em Barra Mansa (RJ). Têm três filhos.

Numa viagem matutina de barcas, do Rio de Janeiro para Niterói, Lúcio de Mendonça é apresentado a Fagundes Varela.

Morre aos 17 de fevereiro de 1875. A *causa mortis* citada em seu atestado de óbito é enomania. Ao fundar-se a Academia Brasileira de Letras, Lúcio de Mendonça recorda o encontro e escolhe Fagundes Varela para patrono de sua Cadeira.



FAGUNDES VARELA
Poeta

CADEIRA 11

FUNDADOR

Lúcio de Mendonça

Lúcio de Menezes Drummond Furtado de Mendonça, sexto filho de Salvador Furtado de Mendonça e de Amália Furtado de Mendonça, nasce na fazenda do Morro Grande, próximo da cidade de Piraí (RJ), a 10 de março de 1854.

Em 1873 matricula-se na Faculdade de Direito de São Paulo; bacharela-se em ciências jurídicas e sociais em 1877.

Em 1879, já promotor de São Gonçalo de Sapucaí, começa sua atividade jornalística. É nomeado diretor-geral do Ensino na província do Rio de Janeiro. Em 1880 casa-se com Marieta, com quem tem três filhos.

É nomeado ministro do Supremo Tribunal Federal, onde toma posse em 1895.

Viúvo, casa-se em segundas núpcias com uma prima de Fontoura Xavier, Anita Sússekind, com quem tem mais filhos.

Em fins de 1907 aposenta-se por deficiência visual, vai à Europa consultar os mais célebres oftalmologistas, e volta desenganado. Morre em 23 de novembro de 1909.



LÚCIO DE MENDONÇA

Bacharel em direito, jornalista,
cronista, poeta e magistrado

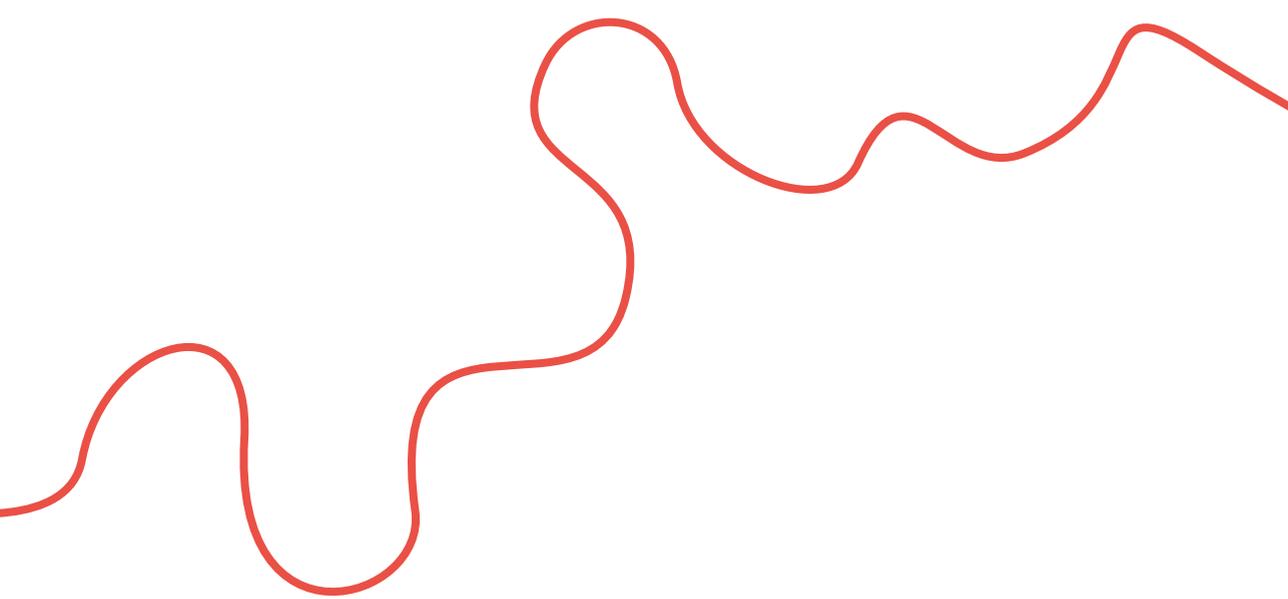
CADEIRA 12
PATRONO

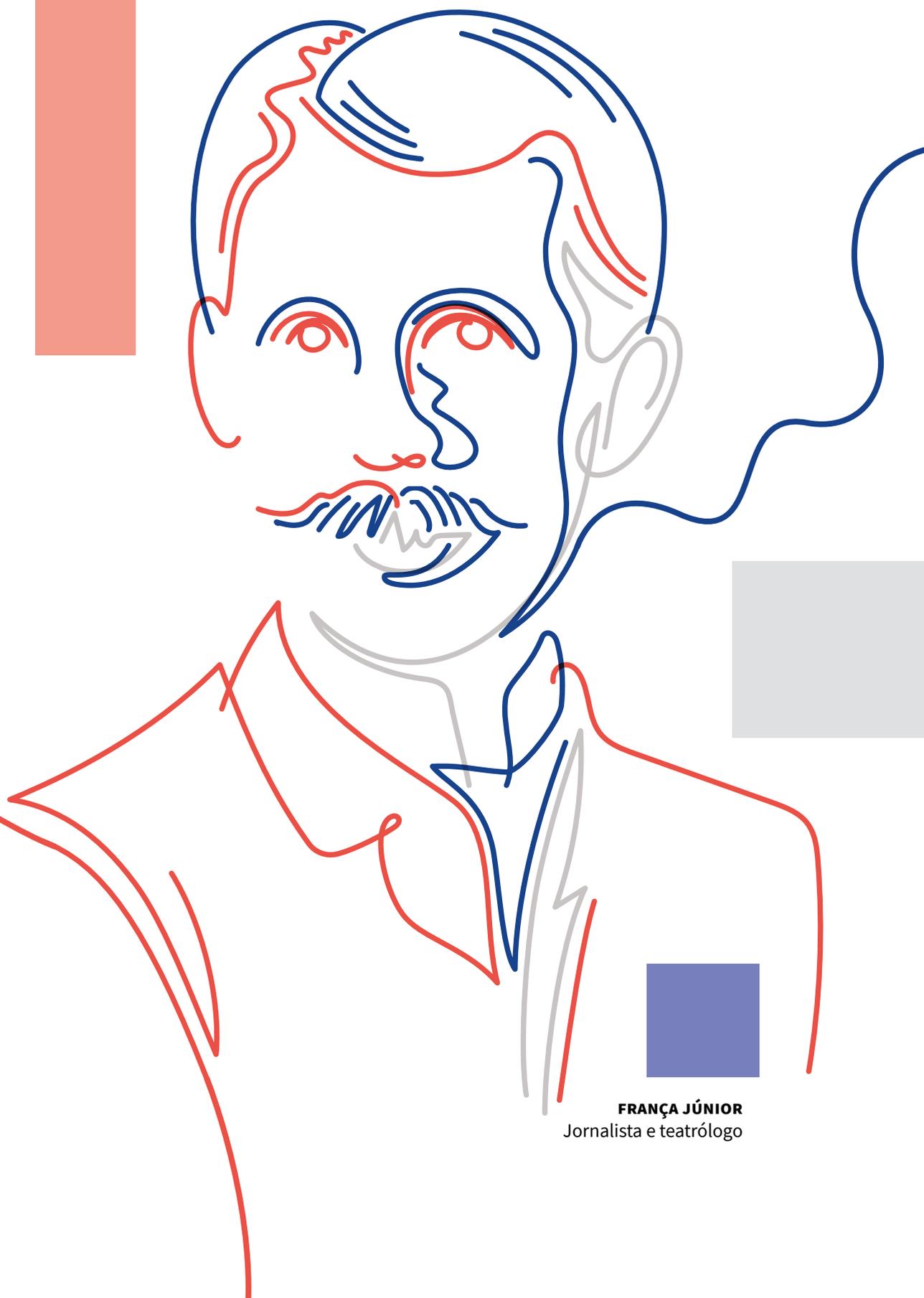
França Júnior

A 19 de abril de 1838, na cidade do Rio de Janeiro, nasce Joaquim José de França Júnior, filho de Joaquim José de França e de Mariana Inácia Vitovi Garção de França. No Colégio Pedro II, do Rio de Janeiro, estuda humanidades e bacharela-se em letras, na Faculdade de Direito de São Paulo, se forma bacharel em ciências jurídicas e sociais. De posse do diploma de bacharel, França Júnior retorna ao Rio de Janeiro.

Em 1873 representa o Brasil na Exposição Universal de Viena, cabendo-lhe relatar e comentar a parte de artes ali expostas. Ao término da exposição, conhece museus de outros países e é agraciado com a Ordem da Rosa, no Grau de Cavaleiro, e condecorado com a Cruz de Cavaleiro da Ordem de Francisco José, da Áustria. Começa a se interessar mais pela pintura, tornando-se excelente paisagista.

Era curador-geral na capital federal, quando falece, a 27 de setembro de 1890, em Poços de Caldas (MG), onde se encontrava em tratamento de saúde. Não deixou filhos.





FRANÇA JÚNIOR
Jornalista e teatrólogo

CADEIRA 12
FUNDADOR

Urbano Duarte

Urbano Duarte de Oliveira nasce em Lençóis (BA), a 2 de janeiro de 1855.

Já no Rio de Janeiro, matricula-se na Escola Militar, onde faz o curso de artilharia. Segue a carreira militar, alcançando o posto de major.

Na Escola Superior de Guerra, torna-se preparador de química; na Escola Tática, é professor. Na imprensa, tem atuação constante.

Falece no Rio de Janeiro, em 10 de fevereiro de 1902.



URBANO DUARTE

Teatrólogo, cronista, humorista,
jornalista, professor e militar

CADEIRA 13

PATRONO

Francisco Otaviano

Francisco Otaviano de Almeida Rosa, filho de Otaviano Maria da Rosa e de Joana Rosa, nasce a 26 de junho de 1825, no Rio de Janeiro.

Em 1841, embarca para Santos (SP), rumo a São Paulo, e, com apenas quinze anos, matricula-se na Academia de Ciências Jurídicas e Sociais de São Paulo, concluindo o curso ao final de 1845.

Com a carta de bacharel, desembarca no porto do Rio de Janeiro e inicia-se na vida política, como deputado-geral.

Casa-se com Eponina Moniz Barreto. Desse casamento nascem seis filhos.

É nomeado para o conselho diretor da Instrução Pública, e promovido a oficial da Ordem da Rosa.

É designado enviado extraordinário e ministro plenipotenciário em missão especial para a Argentina e Uruguai. Assina, pelo Brasil, em Buenos Aires, o Tratado da Tríplice Aliança. Por decreto de 15 de março de 1865, o imperador D. Pedro II concede-lhe o título de conselheiro do Império.

É eleito senador pela província do Rio de Janeiro, cargo vitalício, na época, que exerce até sua morte. Por decreto, torna-se dignitário da Ordem Imperial do Cruzeiro. Nesse período viaja a Europa para tratar da saúde.

Em 28 de maio de 1889, na cidade onde nascera, morre, em sua casa.



FRANCISCO OTAVIANO
Advogado, jornalista, político,
diplomata e poeta

CADEIRA 13

FUNDADOR

Visconde de Taunay

Alfredo Mana Adriano d'Escragnolle Taunay, futuro visconde de Taunay, filho do comendador Félix Émile Taunay e de Gabriela Hermínia de Robert d'Escragnolle Taunay, nasce aos 22 de fevereiro de 1843. Cursa humanidades no Colégio Pedro II, bacharelando-se em ciências e letras.

Em 1859, matricula-se na Escola Central de Engenharia, onde faz o curso de ciências físicas e matemática. Em 1863, cursando já a quarta série da Escola Central, ingressa também na Escola Militar da Praia Vermelha. No último ano do curso incorpora-se ao Exército, participando da Guerra do Paraguai, de onde retorna no posto de capitão. Concluído o curso, vai lecionar mineralogia e geologia na Escola Militar.

Casa-se com Cristina Teixeira Leite, filha do barão de Vassouras. Na vida política, desempenha cargos no Legislativo e no Executivo.

Em 1875, é promovido ao posto de major do Exército brasileiro. É agraciado com o título de visconde com grandeza. Falece em 25 de janeiro de 1899, na cidade do Rio de Janeiro, onde nascera, próximo de completar 56 anos de idade.



VISCONDE DE TAUNAY
Militar, professor, político,
romancista e historiador

CADEIRA 14
PATRONO

Franklin Távora

A 13 de janeiro de 1842, no Sítio Serrinha da Glória, no vale do Candeia, junto à serra do Baturité, na então província e hoje estado do Ceará, nasce João Franklin da Silveira Távora, filho do pernambucano major Camilo Henrique da Silveira Borges Távora e de Maria de Santana da Silveira, natural do Ceará.

Seus pais mudam-se para a cidade de Recife, passam algum tempo em Goiana e retornam a Recife, onde Franklin Távora completa os preparatórios para ingresso na faculdade.

Com dezessete anos de idade, matricula-se no primeiro ano da Faculdade de Direito de Recife, onde inicia sua brilhante trajetória nas letras. Após bacharelar-se, vai advogar por dois anos em Porto Calvo, nas Alagoas.

Após assumir vários cargos pelo Brasil, muda-se, em definitivo, para a cidade do Rio de Janeiro, onde é nomeado oficial de gabinete da Secretaria do Império.

É admitido como membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Casa-se com Alexandrina Guilhermina dos Santos Teixeira, com quem tem quatro filhos.

No Rio de Janeiro, funda a Associação dos Homens de Letras do Brasil, de vida efêmera.

Casa-se em segundas núpcias com Leopoldina da Conceição Martins, de cujo casamento nascem dois filhos.

Aos dezoito dias de agosto de 1888, morre em sua residência na Rua Paissandu, bairro das Laranjeiras, no Rio de Janeiro, em consequência de um aneurisma.



FRANKLIN TÁVORA

Advogado, jornalista, político,
romancista e teatrólogo

CADEIRA 14

FUNDADOR

Clóvis Beviláqua

Clóvis Beviláqua, filho de José Beviláqua e de Martiniana Maria de Jesus, nasce em Viçosa (CE) a 4 de outubro de 1859. Ali começa os primeiros estudos, continuados em Sobral, Fortaleza, e no Rio de Janeiro.

Matricula-se na Faculdade de Direito de Recife, bacharelando-se em novembro de 1882. Casa-se com a escritora Amélia Carolina de Freitas.

Torna-se promotor público da comarca de Alcântara (MA), bibliotecário da Faculdade de Direito de Recife, onde também é professor de filosofia do curso anexo (1888), secretário do presidente do estado do Piauí, e membro da Assembleia Constituinte do Ceará na época da proclamação da República. É, ainda, professor de legislação comparada, na Faculdade de Recife; membro do Conselho de Honra da International Vereinigung fuer Recht-und Wirtschaft Philosophie de Berlim; professor *honoris causa* da Faculdade de Jurisprudência de Buenos Aires; presidente honorário do Instituto da Ordem dos Advogados do Brasil, seção do Rio de Janeiro; professor honorário das Faculdades de Direito de São Paulo, Ceará, Maranhão e Rio de Janeiro; sócio das Academias de Jurisprudência de Bogotá e Quito; membro da Academia Cearense de Letras (1922); sócio benemérito do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e sócio dos Institutos Históricos do Ceará, São Paulo e Sergipe. É nomeado consultor jurídico do Ministério das Relações Exteriores e membro da Corte Internacional de Arbitragem em Haia (Holanda).

Falece no Rio de Janeiro, vitimado por colapso cardíaco, na madrugada de 26 de julho de 1944.



CLÓVIS BEVILÁQUA

Magistrado, professor, ensaísta,
jurisconsulto, historiador e crítico

CADEIRA 15
PATRONO

Gonçalves Dias

Filho do comerciante português João Manuel Gonçalves Dias e de Vicência Mendes Ferreira, nasce no Sítio Jaboatá, próximo à cidade de Caxias (MA), em 10 de agosto de 1823.

Começa a estudar muito cedo e aos 7 anos já ajuda o pai como caixeiro e encarregado da escrituração do armazém.

Parte para estudar em Portugal, onde completa os estudos preparatórios de latim, filosofia, retórica e matemática elementar.

Por indicação de Araújo Porto-Alegre recebe o diploma de membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Casa-se, no Rio, com Olímpia Coriolano da Costa

Depois de um período na Europa, embarca no Ville de Bologne de volta ao Brasil. O navio naufraga nas costas do Maranhão, em 3 de novembro de 1864, e o poeta, enfermo, falece no desastre.



GONÇALVES DIAS

Poeta, professor, crítico de
história e etnólogo

CADEIRA 15

FUNDADOR

Olavo Bilac

Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac, filho de Brás Martins dos Guimarães Bilac, cirurgião do Exército brasileiro, e de Delfina de Paula dos Guimarães Bilac, nasce na cidade do Rio de Janeiro, a 16 de dezembro de 1865, e só conhece o pai aos 5 anos de idade, após sua volta da Guerra do Paraguai, para onde fora como médico do Exército.

Em 1877 matricula-se, como interno, no Colégio São Francisco de Paula.

Em 1880, por insistência do pai, tenta a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, abandonando-a, por falta de vocação.

É um dos inspetores escolares do então Distrito Federal.

Falece no Rio de Janeiro, a 28 de dezembro de 1918, vítima de insuficiência cardíaca e edema pulmonar.



OLAVO BILAC

Poeta, jornalista, cronista e conferencista

CADEIRA 16
PATRONO

Gregório de Matos

Gregório de Matos Guerra nasce em 23 de dezembro de 1636, na cidade de Salvador, então capital da colônia, filho de Gregório de Matos e Maria da Guerra.

Começa os estudos no colégio da Bahia, dirigido pelos padres jesuítas, no distrito da Sé, até completar o curso de humanidades, que o habilita ao ingresso na Universidade de Coimbra.

Com catorze anos incompletos, deixa a Bahia e chega a Lisboa. Dedicar-se ao direito canônico.

Casa-se, em Lisboa, com Michaela de Andrade, de dezenove anos de idade, filha do desembargador Lourenço Saraiva de Carvalho e de Brites de Andrade.

É aprovado para desempenhar funções públicas, nomeado pelo rei D. Afonso VI.

Em 1678 morre sua esposa Michaela de Andrade, sepultada no Convento do Carmo, de Lisboa.

Recebe a tonsura, tornando-se clérigo e padre. Regressa ao Brasil e é admitido como irmão da Santa Casa da Bahia.

A data de sua morte é incerta. Pelas mais recentes pesquisas, aconteceu em 26 de novembro de 1695, em Recife.



GREGÓRIO DE MATOS
Poeta

CADEIRA 16
FUNDADOR

Araripe Júnior

Tristão de Alencar Araripe Júnior nasce em Fortaleza, a 27 de junho de 1848, filho do conselheiro Tristão de Alencar Araripe, político, e de Argentina de Alencar Araripe.

Nos primeiros anos acompanha os pais a Bragança (PA) e Vitória. Aos 12 anos é matriculado no Colégio Bom Conselho, em Recife. Aí permanece até bacharelar-se pela Faculdade de Direito de Recife, em 1869.

Ocupa vários cargos públicos. Atraído pela corte, muda-se em 1880 para o Rio de Janeiro, onde exerce a advocacia e o jornalismo, e se casa com Antônia Moreira de Araripe.

É admitido como sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Em 1903, é designado para exercer a recém-criada Consultoria-Geral da República, onde permanece até a morte, a 29 de outubro de 1911.



ARARIPE JÚNIOR

Jurista, crítico, romancista,
político e jornalista

CADEIRA 17
PATRONO

Hipólito da Costa

A 25 de março de 1774, na Colônia do Sacramento, Uruguai, nasce Hipólito.

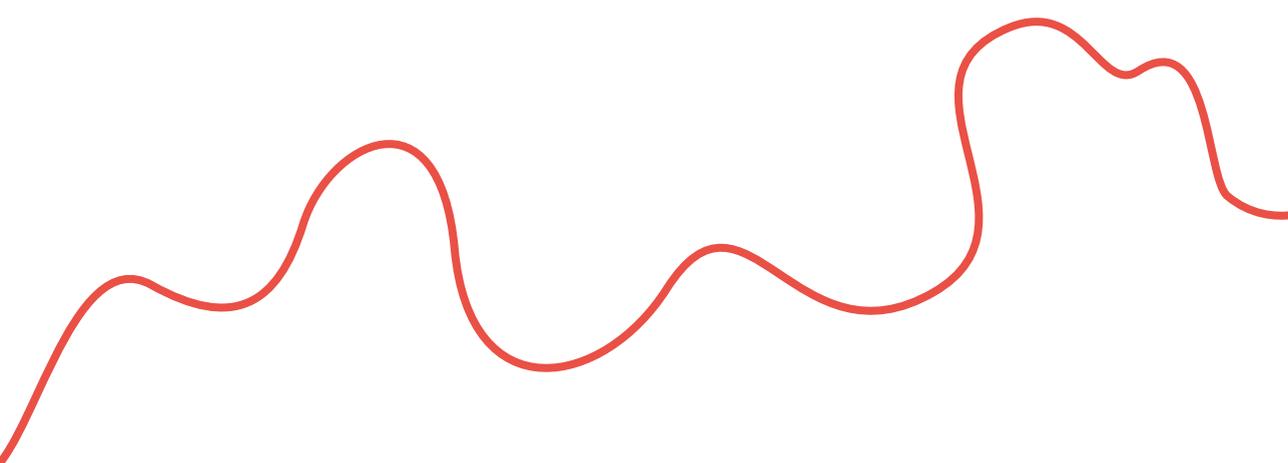
Aos dezoito anos de idade embarca para Portugal, matriculando-se na Universidade de Coimbra, na Faculdade de Matemática e, em seguida, na Faculdade de Filosofia. Logo depois é admitido na Faculdade de Direito.

Parte em missão de estudar na América do Norte a cultura de árvores nativas.

Assume a missão de adquirir livros para a biblioteca pública e objetos para a reforma da Imprensa Régia. Em Lisboa, é preso por envolvimento com a Maçonaria. Foge para Londres e participa da fundação da loja maçônica “Lusitana 184”.

Casa-se com Mary Ann Troughton, dessa união nascem três filhos.

A 11 de setembro de 1823, morre na sua residência, em Londres.





HIPÓLITO DA COSTA
Jornalista

CADEIRA 17

FUNDADOR

Sílvio Romero

Sílvio Vasconcelos da Silveira Ramos Romero, filho de André Ramos Romero, negociante, e de Maria Vasconcelos da Silveira Ramos Romero, nasce na então vila de Lagarto (SE), a 21 de abril de 1851.

Alfabetiza-se em escolas públicas no lugarejo natal. Aos 12 anos, transfere-se para o Rio de Janeiro, cursando humanidades, como interno do antigo ateneu fluminense.

Chega a Recife para cursar a Faculdade de Direito. Ao formar-se, retorna a Sergipe e exerce a promotoria em Estância. Elege-se deputado provincial e se dedica ao magistério.

A partir de 1879 fixa residência na cidade do Rio de Janeiro.

É aprovado em concurso para lecionar filosofia no Colégio Pedro II, onde permanece até 1902, quando é jubilado. Morre no Rio de Janeiro, a 18 de junho de 1914.



SÍLVIO ROMERO

Professor, sociólogo, folclorista,
poeta e filósofo

CADEIRA 18

PATRONO

João Francisco Lisboa

Filho do fazendeiro João Francisco de Melo Lisboa e de Gertrudes Rita Gonçalves Nina, nasce João Francisco Lisboa na casa de seus avós maternos, em Pirapemas, à margem do rio Itapicuru, na freguesia de Nossa Senhora das Dores do Itapicuru-mirim (MA), a 22 de março de 1812.

Aprende as primeiras letras em São Luís. Ao falecer seu pai, volta com a mãe para a fazenda onde nascera, e aí permanece até 1827 quando retorna definitivamente para São Luís e vai trabalhar como caixeiro em casa comercial de propriedade de Francisco Marques Rodrigues. Troca o trabalho pelos estudos de humanidades e aulas de latim com o renomado professor Sotero dos Reis.

Casa-se com Violante Luísa da Cunha. Desse casamento há apenas uma filha adotiva, que o acompanha até sua morte.

Em 1855 parte para o Rio de Janeiro, de onde segue para a Europa.

É indicado para substituir Gonçalves Dias em missão oficial de pesquisa de documentos sobre nossa história para o Arquivo Público Nacional e para o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, ambos do Rio de Janeiro. Ciente da responsabilidade que lhe é determinada pela Repartição dos Negócios do Império, entrega-se às pesquisas históricas nos Arquivos Históricos de Portugal e suas colônias, só concluídas em julho de 1862.

Em 1859 vem ao Brasil rever amigos, permanecendo em São Luís. Em dezembro retorna a Portugal definitivamente.

Falece na madrugada de 26 de abril de 1863.



JOÃO FRANCISCO LISBOA
Jornalista, crítico, historiador,
orador e político

CADEIRA 18
FUNDADOR

José Veríssimo

José Veríssimo Dias de Matos nasce em Óbidos (PA), a 8 de abril de 1857, filho de José Veríssimo de Matos, e de Ana Flora Dias de Matos. Para estudar, vai para Manaus e, posteriormente, para Belém.

Aos 12 anos de idade segue para o Rio de Janeiro. Com problemas de saúde, retorna a Belém, onde torna-se diretor da Instrução Pública.

Em seu retorno ao Rio de Janeiro, é nomeado professor da Escola Normal e reitor do Externato do Ginásio Nacional (Colégio Pedro II).

Funda e dirige a *Revista Brasileira*, com a qual colaboram os mais expressivos nomes da literatura brasileira. Na sala da redação da revista nasce a Academia Brasileira de Letras, pois foi onde se fizeram as reuniões preparatórias.

Morre no Rio de Janeiro, a 2 de fevereiro de 1916.



JOSÉ VERÍSSIMO

Jornalista, professor, educador,
crítico e historiador literário

CADEIRA 19
PATRONO

Joaquim Caetano da Silva

Aos 2 de setembro de 1810, na povoação de Guarda do Serrito, freguesia de Espírito Santo de Jaguarão, hoje cidade de Jaguarão (RS), nasce Joaquim Caetano da Silva, filho de Antônio José Caetano da Silva e de Ana Maria Floresbina.

Com apenas 15 anos de idade, embarca para a França, onde completa os estudos com o curso de humanidades, bacharelando-se em letras pela Universidade de Paris. Em 1832 matricula-se no curso médico da Universidade de Montpellier, onde se doutora em 1837.

Recém-chegado da Europa, Joaquim Caetano ocupa a cadeira de retórica, encarregado de lecionar gramática portuguesa e língua grega no Colégio Pedro II, onde foi reitor.

Faz parte dos 27 primeiros sócios fundadores do Instituto Histórico.

É agraciado com o hábito de Cavaleiro da Ordem de Cristo. E por decreto imperial, torna-se dignatário da Ordem da Rosa.

Torna-se inspetor-geral do Ensino Primário e Secundário do Município da Corte e diretor do Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, cargo o qual é forçado a abandonar devido a uma doença nos olhos que termina em cegueira.

Aos 28 de fevereiro de 1873, morre no bairro de São Domingos, em Niterói (RJ).



JOAQUIM CAETANO DA SILVA
Professor, diplomata e publicista

CADEIRA 19
FUNDADOR

Alcindo Guanabara

Alcindo Guanabara, filho de Manuel José da Silva Guanabara e de Júlia da Silva de Almeida Guanabara, nasce a 19 de julho de 1865, na Freguesia de Nossa Senhora da Ajuda de Guapimirim, município de Magé (RJ).

Em Mangaratiba (RJ), completa a instrução primária. Com a mudança dos pais para Petrópolis (RJ), é internado no colégio de José Ferreira da Paixão, onde exerce as funções de bedel.

Ingressa na Faculdade de Medicina em 1884 e, a partir de 1886, dedica-se ao jornalismo. É eleito para a Constituinte pelo estado do Rio de Janeiro, permanecendo na Câmara até 1893, quando é nomeado superintendente-geral da emigração, e vai para a Europa com a família. Em 1894, está de volta e representa o então Distrito Federal na Câmara dos Deputados. A 5 de novembro de 1897, é preso e mandado para a ilha de Fernando de Noronha. Com a obtenção do *habeas corpus*, retorna ao Rio de Janeiro e funda *A Tribuna*, órgão de oposição ao então presidente Prudente de Moraes.

Falece no Rio de Janeiro a 20 de agosto de 1918.



ALCIDO GUANABARA
Jornalista, conferencista e político

CADEIRA 20
PATRONO

Joaquim Manuel de Macedo

Aos 24 de junho de 1820, na então vila de São João de Itaboraí, atualmente município de Itaboraí (RJ), nasce Joaquim Manuel de Macedo, filho de Severino de Macedo Carvalho e Benigna Catarina da Conceição.

Ainda em Itaboraí, frequenta a escola pública, onde se torna aluno do padre José Gregório de Carvalho, passando depois a estudar latim com o professor Antônio Pedro Hespanhor, diretor de uma escola local. Segue para a corte, onde, concluídos os preparatórios, matricula-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde se forma em 1844.

Falece em 11 de abril de 1882, em Itaboraí.





JOAQUIM MANUEL DE MACEDO

Jornalista, professor, romancista,
poeta, teatrólogo e memorialista

CADEIRA 20

FUNDADOR

Salvador de Mendonça

Salvador de Meneses Drummond Furtado de Mendonça, filho do comendador Salvador Furtado de Mendonça, açoriano, e de Amália de Meneses Drummond, de descendência escocesa, nasce em Itaboraí (RJ), a 21 de julho de 1841.

Inicia sua instrução com a própria mãe, em Itaboraí, e aos doze anos de idade vai para o Rio de Janeiro, matriculando-se no Colégio Marinho. Terminado o curso de preparatórios com apenas dezessete anos, é levado à presença do imperador, pelo diretor do colégio, como prêmio pelo invulgar desempenho escolar.

A morte dos pais em 1860 precipita seu retorno ao Rio de Janeiro, pois é o primogênito dos oito órfãos. Passa, então, ao jornalismo e magistério para prover o sustento da família.

Em 1861, casa-se com Amália Clemência Lúcia Luísa de Lemos, de família aristocrática tradicional.

Em 1865 substitui Joaquim Manuel de Macedo na cadeira de história e geografia do Brasil, no Colégio Pedro II. Falece na cidade do Rio de Janeiro, a 5 de dezembro de 1913.



SALVADOR DE MENDONÇA

Jornalista, diplomata, romancista,
poeta e tradutor

CADEIRA 21

PATRONO

Joaquim Serra

Aos 20 de julho de 1838, nasce em São Luís Joaquim Maria Serra Sobrinho, filho do jornalista Leonel Joaquim da Serra, então deputado na Assembleia Provincial do Maranhão, e de Rita Leopoldina Serra.

Até 1851 Joaquim Serra alfabetiza-se e avança nos estudos com Francisco Sotero dos Reis no Liceu Maranhense.

Ingressa na redação do jornal *A Reforma* (1869-1879), no Rio de Janeiro, permanecendo aí de 1869 a 1878, quando é nomeado diretor do *Diário Oficial* do Rio de Janeiro.

É eleito deputado provincial pelo Maranhão. Em seguida, aceita mais uma missão política, sendo nomeado, secretário do governo da Paraíba. Ali assume, também, a redação de *O Publicador*, de 1864 a 1866.

Falece em 29 de outubro de 1888, no Rio de Janeiro.



JOAQUIM SERRA

Jornalista, professor, político e
teatrólogo

CADEIRA 21

FUNDADOR

José do Patrocínio

José Carlos do Patrocínio, filho de João Carlos Monteiro, e de Justina Maria do Espírito Santo, nasce em Campos dos Goitacazes (RJ), a 8 de outubro de 1853.

Grande parte de sua infância passa-a na Fazenda da Lagoa de Cima, interior do estado.

Em 1868, consegue emprego na farmácia do Hospital da Misericórdia, do Rio de Janeiro. A dedicação à leitura e aos estudos dá-lhe oportunidade de lecionar para poder viver e sustentar os estudos do curso de farmácia, concluído em 1874.

Em 1879, casa-se com a ex-aluna Maria Henriqueta de Sena.

Adere à campanha abolicionista, discursando no Teatro São Luís, do Rio de Janeiro, em 3 de agosto de 1880.

Em 1881, juntamente com o sogro, compra a *Gazeta da Tarde*, onde desenvolve com mais ardor a campanha abolicionista. É figura de destaque na Confederação Abolicionista, instalada a 10 de maio de 1883, no Rio de Janeiro.

Vencida a batalha pela abolição da escravidão, com sua extinção decretada a 13 de maio de 1888, Patrocínio vira-se contra o movimento republicano e é desterrado para o Amazonas no governo de Floriano Peixoto. Ao voltar, abandona a política.

Morre tuberculoso, no Rio de Janeiro, a 29 de janeiro de 1905.



JOSÉ DO PATROCÍNIO
Farmacêutico, jornalista e romancista

CADEIRA 22

PATRONO

José Bonifácio, o Moço

A 8 de novembro de 1827 em Bordéus (França), durante o exílio imposto aos Andradas, nasce José Bonifácio de Andrada e Silva, conhecido por “o moço”, filho do conselheiro Martim Francisco Ribeiro de Andrada e de Gabriela Frederica Ribeiro de Andrada.

Com menos de 2 anos, vem para o Brasil com os pais.

Inicia o curso secundário na Escola Militar do Rio de Janeiro, interrompendo-o em 1845, por problemas de saúde. Perde o quarto ano, em 1846, e desiste do curso, retornando a São Paulo, passando a residir com o irmão Martim Francisco.

Completa os estudos secundários e submete-se aos exames preparatórios ao curso jurídico, na Faculdade de Direito de São Paulo, no qual se matricula no primeiro ano, em 16 de março de 1848. Posteriormente, é nomeado lente na Faculdade de Direito de Recife.

Muda-se para São Paulo e, como professor de direito das Arcadas paulistas, exerce influência em discípulos como Rui Barbosa, Castro Alves, Américo Brasiliense, Afonso Pena, Salvador de Mendonça e Joaquim Nabuco.

Casa-se com Adelaide Eugênia da Costa Aguiar. Em segundo casamento, une-se a Rafaela de Sousa Amaral.

Ingressa na vida parlamentar, permanecendo como deputado, ministro e senador, de 1861 até sua morte, em 1886. Falece aos 26 de outubro “de uma lesão cardíaca”.



JOSÉ BONIFÁCIO, O MOÇO
Poeta, professor, orador e político

CADEIRA 22

FUNDADOR

Medeiros e Albuquerque

José Joaquim de Campos da Costa Medeiros e Albuquerque nasce em Recife, a 4 de setembro de 1867. Cursa o Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, e a Escola Acadêmica de Lisboa, de onde retorna em 1884.

É professor adjunto e diretor da Secretaria do Ministério do Interior, tornando-se propagandista da República. Deputado federal, luta pelo parlamentarismo. A 15 de novembro de 1889, proclamada a República, compõe a letra do Hino da Proclamação da República, musicada por Leopoldo Miguez e adotado pelo Decreto nº 171, de 20 de janeiro de 1890.

Com Nestor Vítor, é dos primeiros a divulgar notícias literárias europeias. Torna-se vice-diretor do Ginásio Nacional, professor da Escola de Belas-Artes, vogal e presidente do Conservatório Dramático Brasileiro, professor das escolas do segundo grau e diretor-geral da Instrução Pública, quando se aposenta como tenente-coronel da Guarda Nacional.

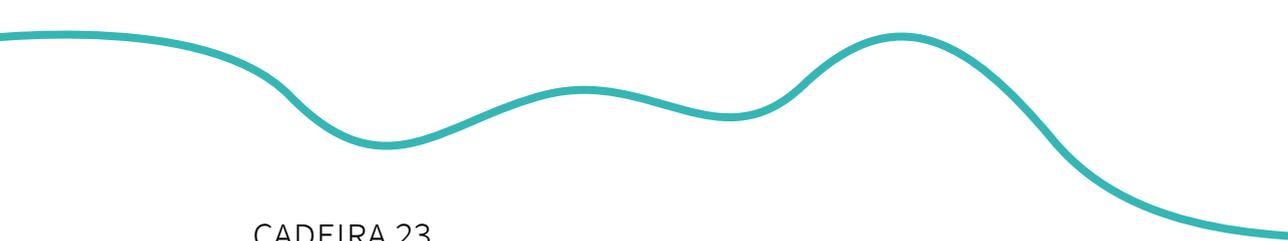
Foi Medeiros e Albuquerque quem primeiro teve a ideia da fundação da Academia de Letras, em 1890.

Falece no Rio de Janeiro, a 9 de junho de 1934.



MEDEIROS E ALBUQUERQUE

Contista, romancista, poeta,
teatrólogo, jornalista, conferencista,
crítico e professor



CADEIRA 23

PATRONO

José de Alencar

Da união de José Martiniano Pereira de Alencar e Ana Josefina de Alencar nasce, em 1º de maio de 1829, José Martiniano de Alencar, em Messejana (CE).

A família muda-se para a cidade do Rio de Janeiro, onde José de Alencar inicia seus estudos.

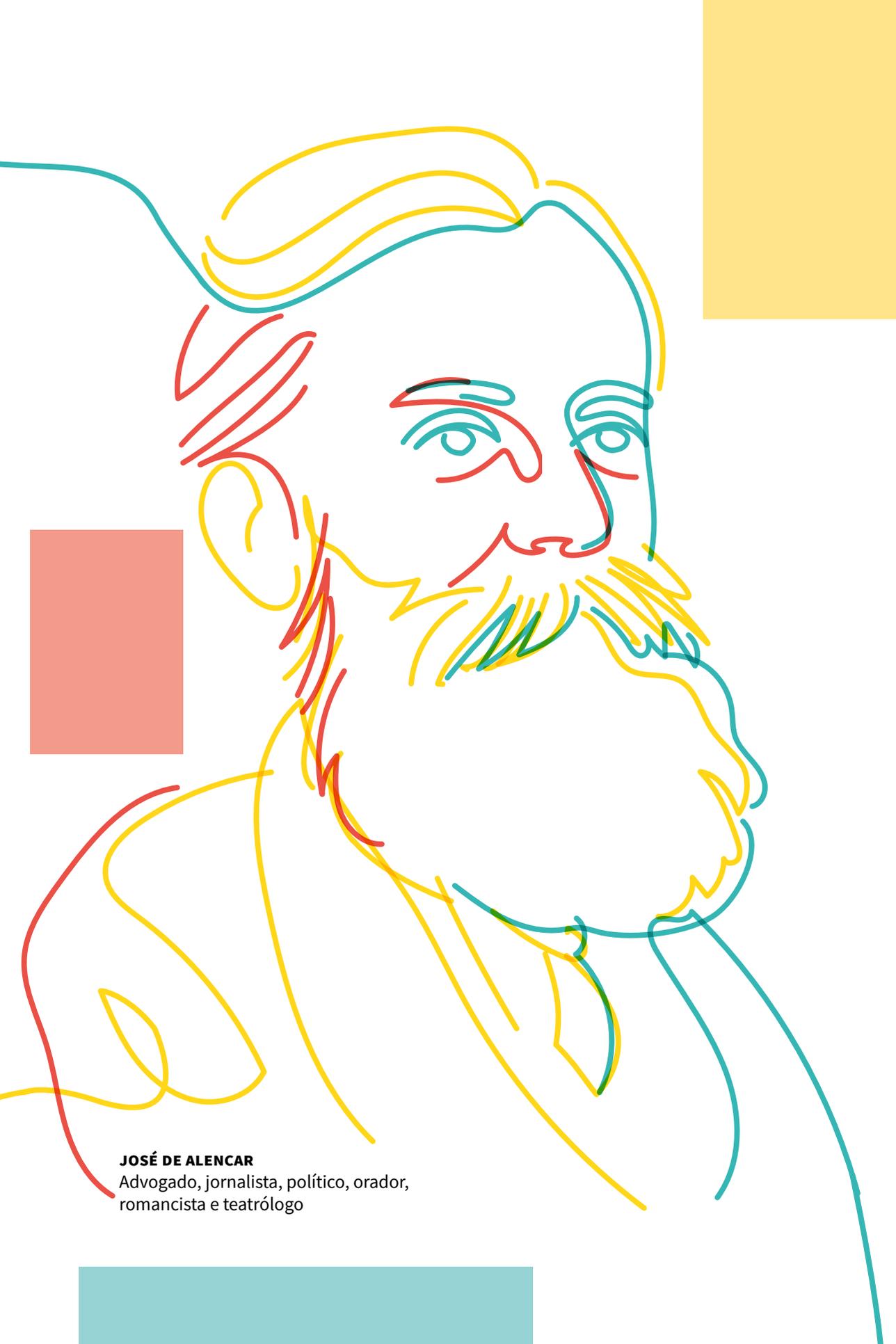
Logo depois se matricula na Faculdade de Direito de São Paulo. Aí cursa o 1º e o 2º anos (1846-1847). Escolhe Olinda para cursar o 3º ano, matriculando-se em 2 de maio de 1848 e sendo aprovado no final do ano. De posse do certificado de aprovação, matricula-se novamente em São Paulo.

Alencar inicia sua carreira advocatícia no escritório do dr. Caetano Alberto Soares e a jornalística no *Correio Mercantil*, com crítica às poesias de Augusto Emílio Zaluar.

Adoece e, à procura de melhora para a saúde, muda-se para a Tijuca. Ali conhece o médico dr. Thomas Cóchrane e enamora-se de sua filha Georgiana Augusta, com quem vem a se casar.

Em março de 1869, no Teatro alla Scala, em Milão, é encenada, com grande êxito, a ópera-baile *Il Guarany* de Carlos Gomes (1836-1896), baseada em seu romance.

A 12 de dezembro de 1877, no Rio de Janeiro, morre José de Alencar.



JOSÉ DE ALENCAR

Advogado, jornalista, político, orador,
romancista e teatrólogo

CADEIRA 23

FUNDADOR

Machado de Assis

Joaquim Maria Machado de Assis nasce no morro do Livramento, cidade do Rio de Janeiro, a 21 de junho de 1839.

Filho de um pintor de paredes e de uma lavadeira açoriana, estudou as primeiras letras, ao que parece, numa escola da rua da Costa, revelando desde cedo, e sempre, grande curiosidade intelectual.

Aos doze anos de idade, já morando num sobrado em São Cristóvão, morre seu pai. Continua os estudos e começa a aprender francês com o forneiro da padaria de Madame Gallot, na rua onde morava.

Em 1855, com dezesseis anos, conhece o livreiro Francisco de Paula Brito e passa a frequentar sua livraria, que se torna local de reunião de intelectuais da maior expressão. É contratado como revisor e caixeiro.

Em 1869 casa-se com Carolina Augusta Xavier de Novais, fidalga moça portuense, irmã de seu amigo e poeta Faustino Xavier de Novais.

Em 1873, é nomeado primeiro oficial da Secretaria da Agricultura. Em 1880, é promovido a oficial de gabinete do Ministério da Agricultura.

Em 1883, dedica-se ao estudo de alemão, o que já fizera com o francês e o inglês.

Em 1888, é agraciado, por decreto imperial, com o oficialato da Ordem da Rosa, e em 1889 assume a diretoria do Comércio.

Ocupa por mais de 10 anos a presidência da Academia Brasileira de Letras, que passa a ser chamada também de Casa de Machado de Assis. Morre em 29 de setembro de 1908.



MACHADO DE ASSIS

Poeta, romancista, contista, cronista,
teatrólogo e crítico literário

CADEIRA 24

PATRONO

Júlio Ribeiro

Aos dezesseis dias de abril de 1845, na cidade de Sabará (MG), antiga Vila Real de Nossa Senhora da Conceição do Sabará, nasce Júlio Cesar Ribeiro Vaughan, filho de George Washington Vaughan, norte-americano, dono de pequeno circo, e de Maria Francisca Ribeiro Vaughan, professora pública local, com quem o menino Júlio começa a estudar.

Seus estudos são iniciados em Baependi (MG). Aos 22 anos, torna-se professor, desenvolvendo extensa carreira docente no interior paulista (Lorena, Sorocaba, Campinas, Capivari e Santos), para onde se muda em 1867, a fim de obter diploma, tendo antes, em 1865, passado brevemente pela Escola Militar do Rio de Janeiro.

Casa-se em primeiras núpcias com Sofia Aurelina de Sousa. Com ela tem dois filhos. As crianças morrem no ano de nascimento. Em 1878 nasce o terceiro filho, Joel Vaughan, que sobrevive. Após a morte da esposa, casa-se em segundas núpcias com Belisária de Camargo Campos, com quem tem três filhos.

Júlio Ribeiro morre em 1º de novembro de 1890, em Santos (SP).



JÚLIO RIBEIRO

Jornalista, filólogo e romancista

CADEIRA 24

FUNDADOR

Garcia Redondo

Manuel Ferreira Garcia Redondo, filho de Manuel Ferreira de Sousa Redondo e de Francisca Carolina Garcia Redondo, nasce no Rio de Janeiro, a 7 de janeiro de 1854.

Muito jovem ainda, vai estudar em Coimbra (Portugal), indo morar na pequena república da rua da Couraça de Lisboa, muito frequentada por estudantes, entre os quais, Guerra Junqueiro, Gonçalves Crespo, João da Penha, Macedo Papança e Silva Ramos.

Regressando ao Brasil em 1871, ingressa na Escola Central, depois Escola Politécnica, no Rio de Janeiro, concluindo o curso de engenharia em 1877.

Transfere-se para a cidade de São Paulo, onde passa a colaborar em vários periódicos. Com a inauguração da Escola Politécnica de São Paulo, assume aí a cadeira de botânica em cargo vitalício.

Morre em São Paulo, a 6 de outubro de 1916.



GARCIA REDONDO

Romancista, contista, cronista,
teatrólogo, jornalista, professor e
engenheiro

CADEIRA 25

PATRONO

Junqueira Freire

Luís José Junqueira Freire, filho de José Vicente de Sá Freire e de Felicidade Augusta de Oliveira Junqueira Freire, nasce na cidade de Salvador, aos 31 de dezembro de 1832.

Em 1839 é matriculado na Escola Pública para fazer o curso de primeiras letras. Acometido de doença grave do coração, abandona as aulas por aproximadamente quatro anos.

Aos 14 anos, inicia o curso de humanidades, com o frei beneditino Arsênio da Natividade Moura, dedicando-se, principalmente, aos estudos de latim, sempre que a doença lhe dá folga.

A 9 de fevereiro de 1851 entra para o claustro, no Mosteiro de São Bento da Bahia, aos dezoito anos, e, em 1852, professa a fé monástica na Ordem Beneditina.

Em 1854 decide não mais voltar ao Mosteiro de São Bento, desistindo da vida monástica.

Junqueira Freire, que fora na vida monástica frei Luís de Santa Escolástica Junqueira, falece de hipertrofia do coração, em 24 de junho de 1855, em Salvador.



JUNQUEIRA FREIRE

Monge beneditino, sacerdote e poeta



CADEIRA 25

FUNDADOR

Franklin Dória

Franklin Américo de Meneses Dória, o barão de Loreto, filho de José Inácio de Meneses Dória e de Águeda Clementina de Meneses Dória, nasce na ilha dos Frades, termo da comarca de Itaparica (BA), a 12 de julho de 1836.

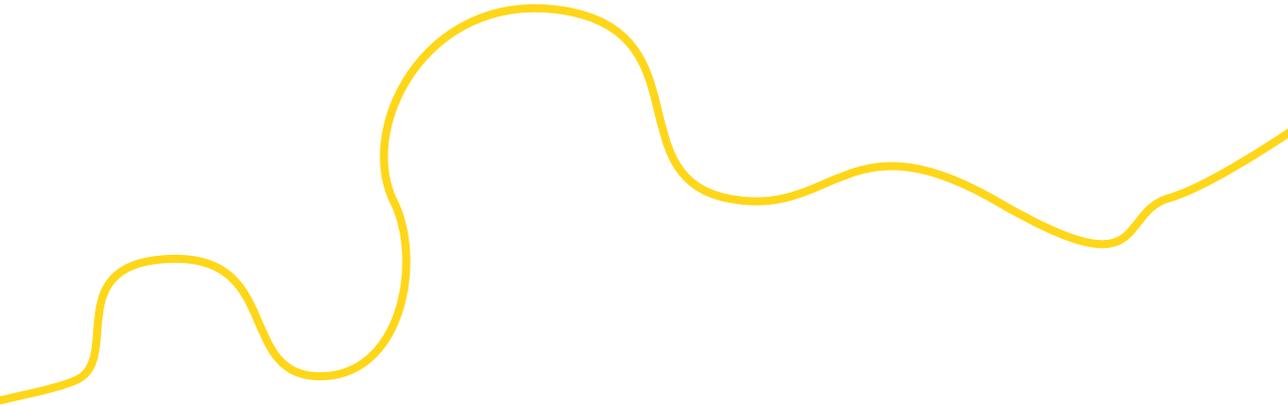
Faz os primeiros estudos, primários e secundários, em Salvador, onde também conclui o curso de humanidades no Colégio de São Vicente de Paula. Transfere-se para Recife e matricula-se na Faculdade de Direito, onde conclui o curso de ciências jurídicas e sociais, em 1859.

Apenas alguns meses após sua formatura, é nomeado promotor público interino da capital baiana, e efetiva-se sua nomeação para a comarca de Cachoeira (BA), em 1860.

Sua carreira política se inicia como deputado provincial.

Em 1895, é eleito sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, no Rio de Janeiro.

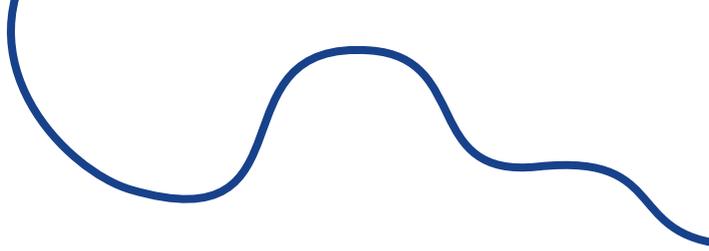
Falece na cidade do Rio de Janeiro, aos 28 de outubro de 1906.





FRANKLIN DÓRIA, BARÃO DE LORETO

Poeta, crítico, orador, professor,
advogado e ministro de Estado



CADEIRA 26
PATRONO

Laurindo Rabelo

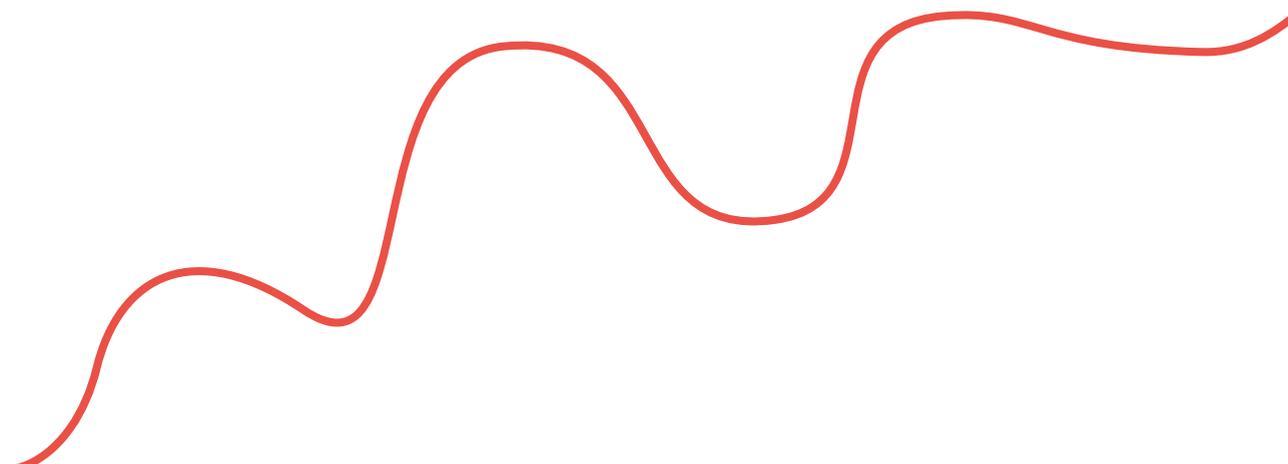
A 3 de julho de 1826, no Rio de Janeiro, nasce Laurindo José da Silva Rabelo, filho do capitão Ricardo José da Silva Rabelo e de Maria Luísa da Conceição e Silva. Faz os estudos preliminares e entra para o Seminário de São José, onde recebe ordens menores. Deixa a vida eclesiástica e antevê na vida militar o seu futuro. Tenta então a Escola Militar até que uma sátira ofensiva dirigida ao diretor encerra sua permanência ali. Matricula-se na Escola de Medicina do Rio de Janeiro, onde permanece por dois anos. Transfere-se para Salvador e matricula-se na Escola de Medicina da Bahia, onde completa o curso.

Em 1857 por determinação do Cons. Jerônimo Francisco Coelho (1806-1860), então ministro da Guerra, é designado 2º tenente do Corpo de Saúde do Exército a servir no Rio Grande do Sul, regressando no ano seguinte.

Já no Rio de Janeiro, casa-se com Adelaide Luísa Cordeiro.

É nomeado professor de português, história e geografia para a escola preparatória anexa à Escola Militar.

Aos 28 de setembro de 1864, falece de hipertrofia do coração, no Rio de Janeiro.





LAURINDO RABELO
Médico, professor e poeta

CADEIRA 26

FUNDADOR

Guimarães Passos

Sebastião Cícero dos Guimarães Passos, filho do major Tito Alexandre Ferreira Passos e Rita Vieira Guimarães Passos, nasce em Maceió, aos 22 de março de 1867.

Estuda as primeiras letras com o professor Manuel Jacome Calheiros. Continua os estudos no Colégio Bom Jesus e no Liceu Alagoano.

A 6 de abril de 1886, com apenas dezenove anos, segue para o Rio de Janeiro e junta-se ao grupo de Paula Nei e Olavo Bilac, Coelho Neto, José do Patrocínio, Luís Murat e Artur Azevedo. Graças ao bibliotecário da Quinta Imperial, consegue o emprego de arquivista. Em 1890 casa-se com Celsa da Silva Freire.

Em 1893, Guimarães Passos fica viúvo e passa a viver do jornalismo. Tomando partido contra o então presidente Floriano Peixoto na revolta de Custódio José de Melo em 1893, é obrigado a fugir para a Argentina, onde se asila por mais de um ano.

Retornando ao Rio de Janeiro, participa da fundação da Academia Brasileira de Letras em 1897.

Tuberculoso, embarca para Paris em 1909, e aí morre a 9 de setembro do mesmo ano.



GUIMARÃES PASSOS
Poeta e jornalista

CADEIRA 27

PATRONO

Maciel Monteiro

A 30 de abril de 1804, no arrabalde do Poço da Panela, na cidade de Recife, nasce Antônio Peregrino Maciel Monteiro, futuro segundo barão de Itamaracá, filho do então capitão comandante agregado dos auxiliares da capitania de Pernambuco, Manuel Francisco Maciel Monteiro.

Em 1811 Peregrino, aos 7 anos, cursa as primeiras letras com o professor Máximo Pereira dos Passos, em Recife. Depois, faz os preparatórios na cidade de Olinda (PE), de onde sai preparado para matricular-se em cursos superiores.

Com catorze anos de idade, é nomeado alferes da guarda de honra do governador e capitão-general Luís do Rego Barreto.

Em maio de 1823, embarca para a França, matriculando-se na Universidade de Paris. Em 1824, recebe o grau de bacharel em letras. Em 1826, o de bacharel em ciências.

A 30 de agosto de 1830, é eleito sócio correspondente da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro.

Em 1841, instala-se em Recife a Sociedade de Medicina de Pernambuco, tendo como um dos fundadores e seu primeiro presidente Maciel Monteiro. A 17 de julho, é agraciado com o título de “conselheiro” do imperador D. Pedro II; no dia seguinte, dia da sagração e coroação do imperador, este lhe outorga a Ordem Imperial do Cruzeiro, no grau de oficial.

No dia 5 de janeiro de 1868, no Hotel Bragança, em Lisboa, onde reside, falece. Exercia ali o cargo de enviado extraordinário e ministro plenipotenciário de Sua Majestade o imperador do Brasil junto de Sua Majestade fidelíssima, o rei de Portugal.



MACIEL MONTEIRO

Médico, jornalista, diplomata,
político, orador e poeta

CADEIRA 27
FUNDADOR

Joaquim Nabuco

Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo, filho do conselheiro José Tomas Nabuco de Araújo e de Ana Barreto Nabuco de Araújo, nasce em Recife a 19 de agosto de 1849.

Cursa humanidades no Colégio Pedro II, do Rio de Janeiro, onde se bacharela em letras em 1865. Inicia o curso de ciências jurídicas e sociais na Faculdade de Direito de São Paulo (1866), indo concluí-lo na Faculdade de Direito de Recife, em 1870.

Em agosto de 1873 embarca para Bordéus, na França, retornando ao Rio de Janeiro em setembro de 1874.

Em 1876, ingressa na carreira diplomática e em 26 de abril do mesmo ano é nomeado adido de legação brasileira em Washington e em Londres. Com a morte de seu pai a 19 de março de 1878, volta ao Brasil no mês seguinte.

É eleito deputado-geral por Pernambuco na 17ª legislatura (1879-1881).

Aos 23 de abril de 1889, casa-se com Evelina Torres Soares Ribeiro, filha de José Antônio Soares Ribeiro, barão de Inoã (1886). Afasta-se da política por dez anos, dedicando-se totalmente a estudar e a escrever. A partir de 1900 retorna, definitivamente, à diplomacia, chefiando várias missões e encerrando-as como embaixador do Brasil em Washington, onde morre a 17 de janeiro de 1910, com sessenta anos de idade. Foi dos mais fervorosos abolicionistas ao lado de Castro Alves, Rui Barbosa, José do Patrocínio, Joaquim Serra e outros.



JOAQUIM NABUCO

Parlamentar, estadista, diplomata,
abolicionista e historiador

CADEIRA 28
PATRONO

Manuel Antônio de Almeida

A 17 de novembro de 1831, na rua do Propósito, na Gamboa, atual região portuária do Rio de Janeiro, nasce Manuel Antônio de Almeida, segundo filho do casal Antônio de Almeida e Josefina Maria de Almeida.

Estuda os preparatórios no Colégio São Pedro de Alcântara, dirigido então pelo padre José Mendes Paiva.

Em 1º de abril de 1848, com a aprovação nos exames de francês, filosofia, aritmética e latim, exigidos para o ingresso na vida universitária, matricula-se na Faculdade de Medicina.

A 20 de dezembro de 1855, perante a congregação da faculdade, presidida pelo imperador, sustenta a tese de doutoramento.

Faleceu no mar, diante de Macaé (RJ), em 28 de novembro de 1861.



MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA
Jornalista, cronista, romancista e
crítico literário

CADEIRA 28

FUNDADOR

Inglês de Sousa

Herculano Marcos Inglês de Sousa, filho do desembargador Marcos Antônio Rodrigues de Sousa e de Henriqueta Amália de Góis Brito Inglês de Sousa, nasce em Óbidos (PA), aos 28 de dezembro de 1853.

Em 1864 é matriculado no Colégio de Sotero dos Reis em São Luís, para concluir os primeiros estudos iniciados em Belém. Em 1870, depois dos estudos preparatórios, matricula-se na Faculdade de Direito de Recife, onde cursa até o 4º ano. Transfere-se para São Paulo e cola grau de bacharel em 1876. Em 1878, casa-se com Carlota Emília Peixoto, sobrinha-neta de José Bonifácio, o Patriarca da Independência.

Em 1902 é nomeado diretor da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro.

Em 1908 é o presidente do Instituto da Ordem dos Advogados e do 2º Congresso Jurídico Brasileiro.

Morre no Rio de Janeiro, a 6 de setembro de 1918.



INGLÊS DE SOUSA

Advogado, professor, deputado federal, banqueiro, jornalista e romancista

CADEIRA 29
PATRONO

Martins Pena

A 5 de novembro de 1815, na cidade do Rio de Janeiro, nasce Luís Carlos Martins Pena, filho do desembargador João Martins Pena e de Francisca de Paula Julieta Pena.

Com a morte de sua mãe, o jovem de apenas dez anos fica aos cuidados de tutores. Dedicar-se aos estudos de história, de geografia, da literatura dramática e das línguas francesa, italiana e inglesa.

Em 1841, por decreto de 24 de maio, torna-se moço fidalgo da Casa Imperial.

No ano de 1847 é nomeado adido de 1ª classe à Legação Brasileira em Londres.

Em novembro de 1848, por motivos de doença, e à procura de tratamento, deixa Londres com destino ao Brasil mas desembarca em Lisboa, onde, a 7 de dezembro de 1848, morre vitimado pela tuberculose.



MARTINS PENA
Teatrólogo

CADEIRA 29
FUNDADOR

Artur Azevedo

Artur Nabantino Gonçalves de Azevedo, filho do representante consular português em São Luís David Gonçalves de Azevedo e de Emília Amália Magalhães de Azevedo, nasce na cidade de São Luís, a 7 de julho de 1855. Era irmão do também escritor Aluísio Azevedo.

Em 1870, com quinze anos de idade, é nomeado para cargo na Secretaria de Governo, onde permanece por três anos.

Em 1873 troca a pacata São Luís pela Corte. Durante algum tempo leciona no Colégio Pinheiro e troca o professorado pelo emprego de revisor no jornal *A Reforma*. Em 1883 vai à Europa.

Figura, ao lado do irmão Aluísio Azevedo, no grupo fundador da Academia Brasileira de Letras.

Falece no Rio de Janeiro, aos 22 de outubro de 1908.



ARTUR AZEVEDO

Jornalista, teatrólogo, contista e
cronista



CADEIRA 30
PATRONO

Pardal Mallet

Pardal Mallet nasce no Rio de Janeiro, em 8 de dezembro de 1864. Aprende na infância três línguas: francês, inglês e português. Ingressa na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, mas a abandona no 4º ano porque o visconde de Saboia, então diretor da faculdade, ameaça reprová-lo se não abandonasse as ideias republicanas que fazia publicar nos jornais. Segue para Recife a fim de cursar direito e concluir medicina no mesmo prazo.

Fica noivo, mas a doença não permite que se case. Tuberculoso, vai à procura de melhoras na freguesia de Caxambu, município de Baependi (MG), e aí falece, vítima de hemorragia pulmonar, aos 24 de novembro de 1894.



PARDAL MALLET

Jornalista, contista, romancista e poeta

CADEIRA 30
FUNDADOR

Pedro Rabelo

Pedro Carlos da Silva Rabelo, filho de Joaquim de Oliveira Rabelo e de Firmina Rodrigues Silva Rabelo, nasce na cidade do Rio de Janeiro, a 19 de outubro de 1868.

Ingressa no serviço público como amanuense, chegando a chefe de seção.

Participou das reuniões de instalação da academia, indicando como seu patrono o nome do amigo de todas as horas, Pardal Mallet, que falecera dois anos antes.

Morre de tuberculose, no Rio de Janeiro, aos 27 de dezembro de 1905.



PEDRO RABELO
Poeta, contista e jornalista

CADEIRA 31

PATRONO

Pedro Luís

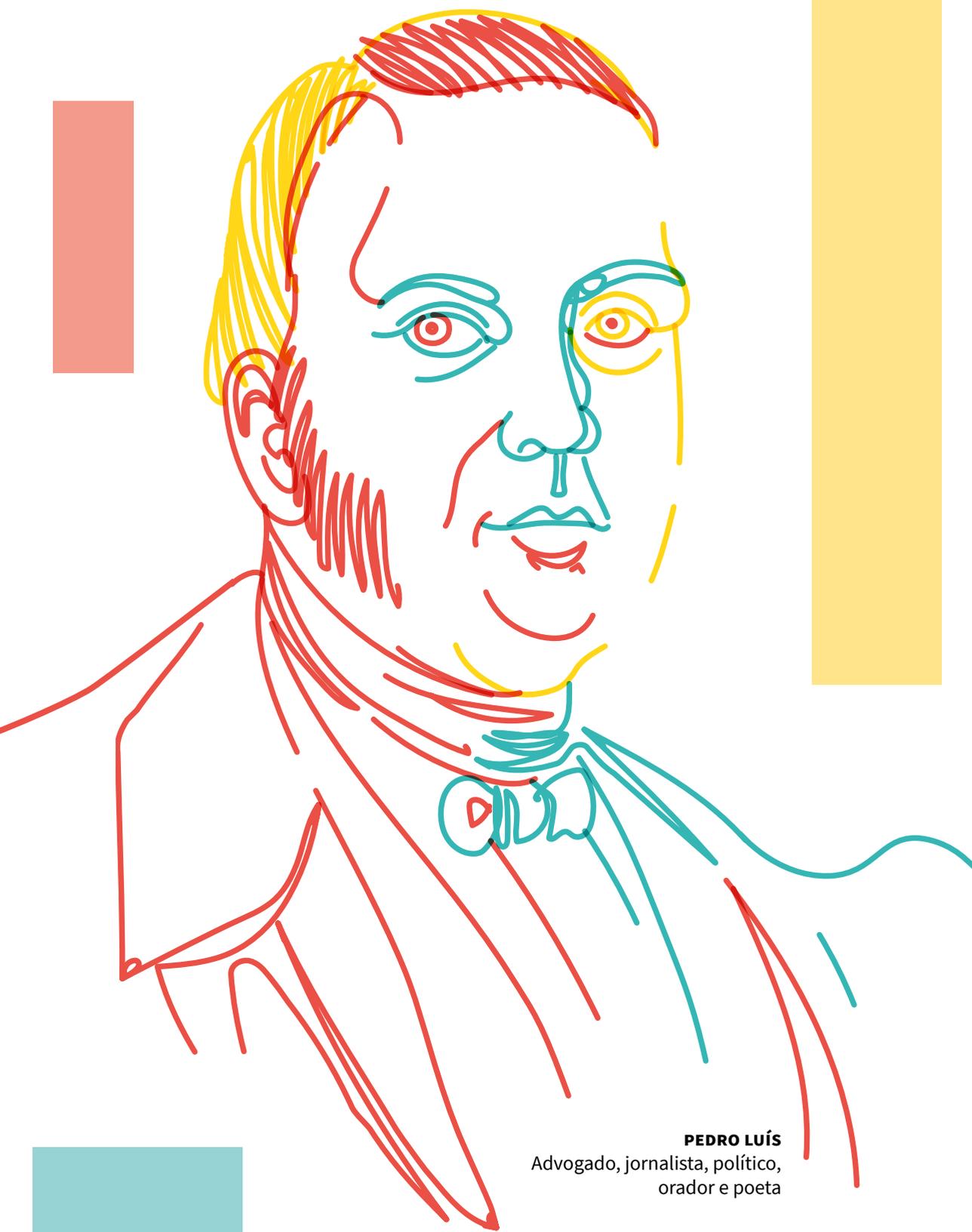
A 13 de dezembro de 1839, na Fazenda do Caju, pertencente ao seu avô paterno, José Luís de Sousa, no município de Cabo Frio (RJ), nasce Pedro Luís Pereira de Sousa, criado na Fazenda Espírito Santo, de seus pais, em Araruama (RJ). Seus pais foram o major Luís Pereira de Sousa e Maria Carlota de Viterbo e Sousa.

Faz seus primeiros estudos em Friburgo (RJ), no Instituto Colegial, fundado e dirigido por João Henrique Freese, onde é companheiro de Casimiro de Abreu, e daí segue para o Colégio São Vicente de Paulo. Em 1856 ingressa no curso da Faculdade de Direito de São Paulo, concluído em 1860.

Em 1861 despede-se da pauliceia, muda-se para a corte, e inicia sua atividade causídica, primeiramente no escritório do juriconsulto de Teixeira de Freitas; posteriormente no de Francisco Otaviano de Almeida Rosa, então deputado e diretor do *Correio Mercantil*.

Em 1867 casa-se com Amélia de Almeida Valim, nascida em Bananal (SP). Deste casamento nascem dez filhos.

Logo depois assume a presidência da província da Bahia, quando a enfermidade o tira das atividades. Retornando a Bananal, a progressão da doença leva-o à morte aos 16 de julho de 1884.



PEDRO LUÍS
Advogado, jornalista, político,
orador e poeta

CADEIRA 31

FUNDADOR

Luís Guimarães Júnior

Luís Caetano Pereira Guimarães Júnior nasce na cidade do Rio de Janeiro a 17 de fevereiro de 1847, filho do português Luís Caetano Pereira Guimarães e de Albina de Moura, brasileira.

Estuda no Colégio Pedro II, cursa a Faculdade de Direito de São Paulo, onde se matricula em 1863. Conclui o curso de ciências jurídicas e sociais pela Faculdade de Direito de Recife, em 1869.

Em 1873, casa-se com Cecília Canongia e é nomeado secretário da Legação do Brasil em Londres. Em 1875 desempenha a mesma função em Roma, junto à Santa Sé. Em 1891 é nomeado enviado extraordinário e ministro plenipotenciário na Venezuela. Volta a Lisboa, como ministro aposentado, e aí falece a 17 de maio de 1898.



LUÍS GUIMARÃES JÚNIOR
Poeta, romancista e diplomata

CADEIRA 32
PATRONO

Araújo Porto-Alegre

Aos 29 de novembro de 1806, na então vila de Nossa Senhora do Rio Pardo, sede de São José do Rio Pardo, capitania do Rio Grande de São Pedro do Sul, hoje cidade do Rio Pardo (RS), nasce Manuel de Araújo Porto-Alegre, filho de Francisco José de Araújo e de Francisca Antônia Viana. É batizado a 6 de janeiro de 1807 na matriz de Nossa Senhora do Rosário.

No ano de 1826 embarca com destino ao Rio de Janeiro para matricular-se na primeira turma do curso de pintura da Imperial Academia das Belas Artes.

Viaja à Europa a fim de expandir seus conhecimentos. Em 1837 retorna ao Brasil.

Por decreto, é nomeado professor de pintura histórica da Imperial Academia de Belas Artes.

Casa-se com Ana Paulina Delamare, com quem tem oito filhos.

Em 1839 é nomeado membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

É um dos fundadores do Conservatório Dramático Brasileiro, no Rio de Janeiro, instalado em 30 de abril de 1843.

Em 1854 é nomeado professor de arquitetura e diretor da Imperial Academia das Belas Artes, no Rio de Janeiro, cargo que ocupou até 1857.

Em 1866, assume o Consulado-Geral do Brasil em Lisboa, cargo que ocupa até sua morte, em 29 de dezembro de 1879.



ARAÚJO PORTO-ALEGRE

Poeta, pintor, professor, jornalista,
diplomata e teatrólogo

CADEIRA 32

FUNDADOR

Carlos de Laet

Carlos Maximiliano Pimenta de Laet, filho de Joaquim Ferreira Pimenta de Laet e de Emília Constança Ferreira de Laet, nasce no Rio de Janeiro, a 3 de outubro de 1847.

Aos catorze anos, matricula-se no Colégio Pedro II, onde exerce o magistério, de 1873 a 1890, e a diretoria do externato de 1917 até 1925. Bacharela-se em letras em 1867. Pela Escola Politécnica, diploma-se engenheiro civil, em 1871, e em Ciências Físicas e Matemáticas em 1872. Em 1874, casa-se com Rita Angélica Mafra.

Contrário ao regime republicano, é perseguido, refugiando-se em São João del Rei (MG).

Polemista nato, serve-se do jornalismo para atacar com veemência seus opositores.

Carlos de Laet morre no Rio de Janeiro, a 7 de dezembro de 1927.



CARLOS DE LAET

Jornalista, professor, ensaísta, poeta,
historiador e cronista

CADEIRA 33
PATRONO

Raul Pompeia

Nasce em Jacuecanga, município de Angra dos Reis (RJ), em 12 de abril de 1863.

Em 1874 há transferência da família para o Rio de Janeiro. Aí é matriculado como interno no Colégio Abílio, de Abílio César Borges, o barão de Macaúba.

Matricula-se no Colégio de D. Pedro II, onde conclui os estudos secundários com distinção.

Aluno de direito, tem sua reprovação decidida pelos docentes que repudiam suas agressões ao governo e sua defesa da libertação dos escravos.

Ocupa o cargo de secretário da Escola Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro até 1891.

É nomeado pelo então presidente Floriano Peixoto, diretor da Biblioteca Nacional, exercendo essa função até 1895.

Florianista convicto, no sepultamento do marechal, o discurso de Pompeia enaltecendo as virtudes do morto custa-lhe a demissão do cargo de diretor da Biblioteca Nacional.

Aos 32 anos, cai em depressão e suicida-se com um tiro no coração, em 25 de dezembro de 1895 no Rio de Janeiro.



RAUL POMPEIA
Jornalista e romancista

CADEIRA 33

FUNDADOR

Domício da Gama

Domício Afonso Forneiro nasce em Maricá (RJ), aos 23 de outubro de 1862. Adota o sobrenome Gama do padrinho.

Não conclui o curso de engenharia por reprovação, e logo abandona os estudos. Parte então para Paris como correspondente da *Gazeta de Notícias*, onde conhece o barão do Rio Branco, Eduardo Prado e Eça de Queirós. Por ser exímio desenhista, torna-se excelente cartógrafo e é de extraordinária utilidade para os projetos do barão, o que lhe vale a nomeação para a carreira diplomática. Torna-se ministro plenipotenciário, embaixador em Washington e ministro do Exterior.

Eleito para a Academia Brasileira de Letras em 1897, torna-se presidente no ano de 1919.

Falece na cidade do Rio de Janeiro, a 8 de novembro de 1925.



DOMÍCIO DA GAMA

Jornalista, contista, cronista e diplomata

Sousa Caldas

Em 24 de novembro de 1762, na cidade do Rio de Janeiro, nasce Antonio Pereira de Sousa Caldas, filho do negociante português Luís Pereira de Sousa e de Ana Maria de Sousa.

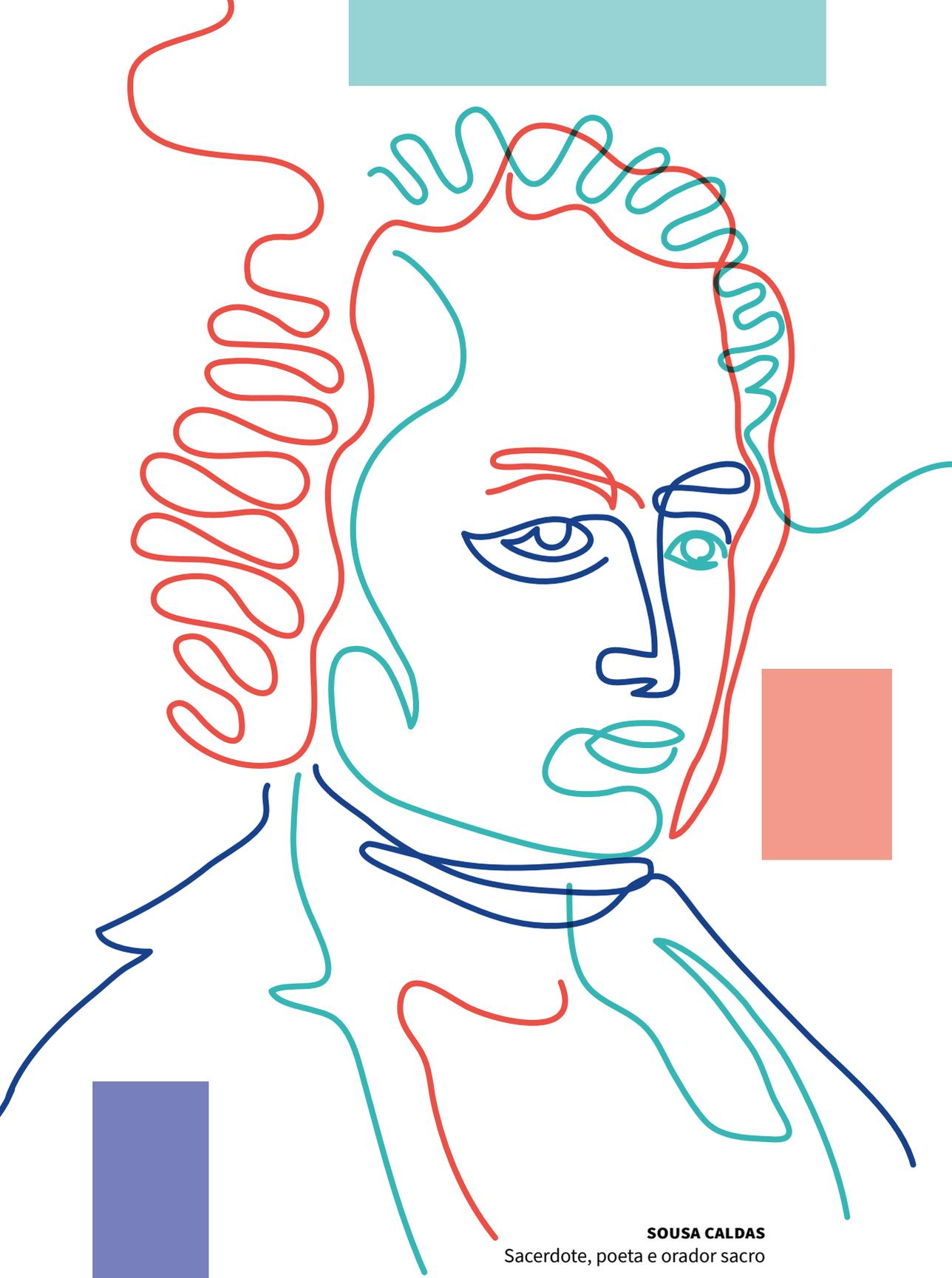
Desde os primeiros anos possui saúde bastante frágil, o que é determinante para que seus pais o enviem, aos 7 anos de idade, para Portugal, aos cuidados de um seu tio ali estabelecido. Aí tem toda sua educação literária.

Com 16 anos de idade matricula-se no curso de matemática da Universidade de Coimbra.

Em 1789 forma-se em direito, ainda pela Universidade de Coimbra. É nomeado juiz de fora da vila de Barcelos. Não aceitando este cargo, rumo para a vida eclesiástica, tomando ordens de presbítero.

De volta a Lisboa, recusa uma abadia que lhe fora oferecida e o bispado do Rio de Janeiro, dedicando-se aos sermões e escritos vários.

O poeta e sacerdote Sousa Caldas morre no Rio do Janeiro em 2 de março de 1814.



SOUSA CALDAS

Sacerdote, poeta e orador sacro

CADEIRA 34

FUNDADOR

J. M. Pereira da Silva

João Manuel Pereira da Silva, filho do negociante português Miguel Joaquim Pereira da Silva e de Joaquina Rosa de Jesus, nasce na vila de Iguaçu, na época região rural do Rio de Janeiro, atualmente município de Nova Iguaçu (RJ), a 30 de agosto de 1817. Concluídos os estudos primário e secundário, em 1834, vai para Paris estudar direito, bacharelando-se em 1838.

Retornando ao Rio de Janeiro, dedica-se à advocacia, ao jornalismo e à política. Em 1838, é eleito sócio efetivo do recém-fundado Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, passando a honorário em 1887. Pertence à Academia Real das Ciências e à Sociedade de Geografia, ambas de Lisboa, à Arcádia de Roma, ao Instituto de França, à Academia Real de História de Madri, entre outras instituições culturais nacionais e estrangeiras.

É nomeado Comendador da Ordem de Cristo do Brasil e de Portugal e grande dignitário da Ordem da Rosa.

Falece em Paris a 14 de junho de 1898.



J. M. PEREIRA DA SILVA
Historiador, biógrafo, crítico,
romancista, poeta, político, jornalista
e ensaísta

Tavares Bastos

Aureliano Cândido Tavares Bastos em 20 de abril de 1839 nasce na Cidade das Alagoas, hoje Marechal Deodoro. Os primeiros estudos, sempre acompanhados e orientados por seu pai, foram ainda na sua cidade natal. Logo segue para Olinda, onde conclui os estudos preparatórios para o ingresso na faculdade, e aos 15 anos de idade, com licença especial, matricula-se no curso de ciências jurídicas e sociais, em 1854.

Em 1855, na função de juiz de direito, seu pai é transferido para São Paulo, e o jovem o acompanha, matriculando-se, por transferência na faculdade de direito paulistana. Obtém o grau de doutor em ciências jurídicas e sociais em 1859.

Em junho, Tavares Bastos, que havia se mudado para a cidade do Rio de Janeiro, ocupa o cargo de oficial da Secretaria da Marinha. Em 1861, mesmo residindo na Corte, candidata-se a deputado pela província alagoana. É exonerado do cargo de oficial da Secretaria da Marinha, em represália à sua linha de independência assumida no Parlamento.

Em 1866, após retornar da Amazônia, casa-se com Maria Teodora Alves Barbosa Desse enlace nasce a única filha, Elisa. Participa da fundação da Sociedade Internacional de Imigração, de vida efêmera.

Aproveita novamente as férias parlamentares, em outubro, e viaja, desta vez, para a Europa em companhia da família, não sendo, todavia, feliz nesta viagem. O casal é vitimado por uma infecção de tifo, e desembarca em Bordeaux (França). Com a saúde recuperada, percorre cidades da França, Inglaterra e da Itália. De volta da Europa, Tavares Bastos inicia intensa atividade jornalística.

Muda-se de São Clemente, antiga Chácara do Rego, passa pelo Rocio e fixa-se em Santa Teresa, na então rua dos Felizes. No dia 3 de dezembro de 1875, morre em Nice, onde fora buscar melhoras para seus males físicos.



TAVARES BASTOS

Advogado, jornalista, político e publicista

CADEIRA 35

FUNDADOR

Rodrigo Octavio

Rodrigo Octavio de Langgaard Meneses, filho do médico baiano Rodrigo Octavio de Oliveira e de Luísa Langgaard, nasce em Campinas (SP), a 11 de outubro de 1866, e com 4 anos de idade acompanha seus pais em mudança para o Rio de Janeiro. Estuda na corte e em Vassouras (RJ); matricula-se na Faculdade de Direito de São Paulo, cursa um ano em Recife, e conclui o curso em 1886, em São Paulo.

Em 1888 é nomeado procurador público em Santa Bárbara (MG) e, em seguida, juiz em Nova Iguaçu (RJ). Proclamada a República, é nomeado para a comarca de Paraíba do Sul (RJ). Árbitro em vários tribunais internacionais, acompanha Rui Barbosa na Conferência de Haia (Holanda); participa da delegação que, em nome do Brasil, subscreve o Tratado de Versalhes (França); chefia a representação à 1ª Assembleia da Liga das Nações; assina o tratado que cria a Corte Internacional de Justiça; pertence aos quadros da Academia das Ciências de Lisboa, entre várias instituições internacionais.

Por ocasião da organização para a fundação da Academia Brasileira de Letras, tem participação ativa, ocupando o cargo de presidente, em 1927.

Falece no Rio de Janeiro, aos 28 de fevereiro de 1944.



RODRIGO OCTÁVIO

Professor, conferencista, poeta,
historiador, contista, teatrólogo e ministro
do Tribunal Federal

CADEIRA 36
PATRONO

Teófilo Dias

A 8 de novembro de 1854, nasce Teófilo Odorico Dias de Mesquita, na cidade de Caxias, na então província, e hoje estado do Maranhão. Filho de Odorico Antônio de Mesquita e de Joana Angélica Dias de Mesquita.

Aprende as primeiras letras e prossegue os estudos no Instituto de Humanidades de São Luís do Maranhão, dirigido por Pedro Nunes Leal, onde também é professor Francisco Sotero dos Reis.

Em 1875 desembarca no Rio de Janeiro e logo é amparado por sua tia Olímpia (viúva de Gonçalves Dias), que lhe encaminha ao seu cunhado, o Sr. Benjamim Constant, e ao maranhense Candido Mendes de Almeida, que o abriga no Convento de Santo Antônio. Dali, sai Teófilo para o externato, onde passa a lecionar gramática filosófica e língua francesa.

Inicia os exames preparatórios necessários ao ingresso em curso superior. Presta exame na Escola Politécnica do Rio de Janeiro e é aprovado plenamente. Matricula-se na Faculdade de Direito de São Paulo, bacharelando-se em 1881.

Em dezembro de 1880, ainda quartanista na faculdade, casa-se com Gabriela Bueno de Andrada.

Em 1881 recebe o grau de bacharel em ciências jurídicas e sociais.

Exerce a função de fiscal do Banco de Crédito Real. Passa a ser um dos colaboradores de *O Meridiano*, de Gomes Cardim.

Torna-se professor de português na Escola Normal, da qual é também diretor.

No dia 29 de março 1889, em São Paulo, falece, de cardiopatia.



TEÓFILO DIAS

Advogado, jornalista, professor e poeta

CADEIRA 36

FUNDADOR

Afonso Celso

Afonso Celso de Assis Figueiredo Júnior (conde Afonso Celso), filho de Afonso Celso de Assis Figueiredo, visconde de Ouro Preto, e de Francisca de Paula de Assis Figueiredo, nasce em Ouro Preto, então capital da província de Minas Gerais, aos 31 de março de 1860.

Concluídos os estudos básicos, ingressa na Faculdade de Direito de São Paulo, bacharelando-se em 1880 e doutorando-se no ano seguinte, com a tese *Direito da Revolução*.

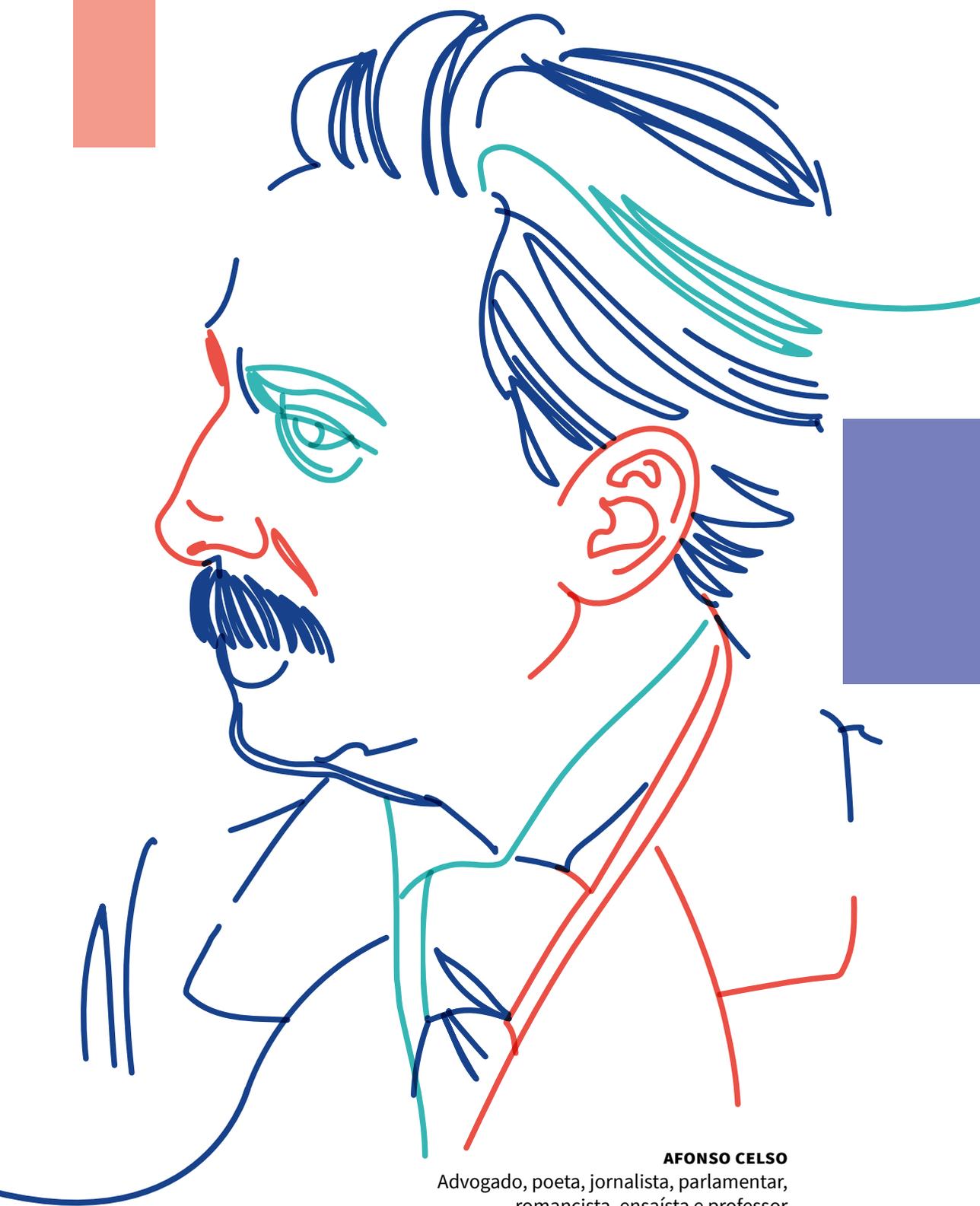
Em 1884, casa-se com Eugênia da Costa Celso. Dessa união nascem quatro filhos.

Em 1888 é signatário da Lei Áurea, promulgada pela princesa Isabel. Com a Proclamação da República, como monarquista, afasta-se da vida política e dedica-se ao jornalismo, literatura e magistério, ocupando a cátedra da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, por quarenta anos.

Em 1905, recebe do Papa Pio X o diploma de “Conde Romano”, tornado hereditário, em 1911, pelo Papa Bento XV.

Na Academia Brasileira de Letras é nomeado presidente em 1925.

O conde Afonso Celso falece no Rio de Janeiro, a 11 de julho de 1938.



AFONSO CELSO

Advogado, poeta, jornalista, parlamentar,
romancista, ensaísta e professor

Tomás Antônio Gonzaga

Tomás Antônio Gonzaga nasce a 11 do agosto de 1744, na rua dos Cobertos, atual rua do Miragaia, na freguesia de São Pedro de Miragaia, Porto, norte do Portugal. Filho de João Bernardo Gonzaga e de Tomásia Isabel Gonzaga.

Seus tios padres Raimundo Clark e Tomás Clark cuidam de sua educação no período de 1747 a 1750, enquanto João Bernardo, seu pai, exerce a função de juiz de fora em Tondela.

O jovem Tomás cursou latinidade e um ano de filosofia.

A 18 de fevereiro de 1759, pai e filho chegam à Bahia (Salvador). Gonzaga passa a frequentar o Colégio dos Jesuítas, até que este é fechado por ordem do reino. Os estudos primários e secundários são concluídos no Colégio da Bahia e com professores particulares. Em fins de 1761, com dezessete anos, volta para Lisboa.

Matricula-se na Faculdade de Leis da Universidade de Coimbra, concluindo o curso em 17 de maio de 1765.

Em 1779 é nomeado juiz de fora em Beja, onde permanece até 1781.

Por decreto de 19 de agosto de 1786, é nomeado desembargador da Relação da Bahia, mas não chega a tomar posse, pois neste ano faz o ajuste de casamento com Maria Doroteia.

Às vésperas de seu casamento, em 1789, Gonzaga é preso em Vila Rica, e levado para o Rio de Janeiro, onde é condenado ao desterro por dez anos, em Moçambique.

Em 1793, casa-se com Juliana de Souza Mascarenhas. Em 1806 é nomeado procurador da Coroa e Fazenda de Moçambique. Logo depois é promovido ao cargo de juiz da alfândega.

Gonzaga morre em 25 de janeiro de 1810.



TOMÁS ANTÔNIO GONZAGA
Poeta, advogado e juiz

CADEIRA 37

FUNDADOR

Silva Ramos

José Júlio da Silva Ramos, filho de José da Silva Ramos e de Emília Augusto Ramos, nasce em Recife a 6 de março de 1853.

Órfão de mãe ainda criança, é enviado a Portugal e criado pelas tias maternas. Faz o curso de humanidades em Lisboa, e, adolescente, retorna ao Brasil, onde não se demora muito, pois volta a Portugal e matricula-se, em 1872, na Faculdade de Direito de Coimbra, onde bacharela-se em 1877.

Retornando a Recife, abraça o jornalismo, e daí segue para o Rio de Janeiro, onde dedica-se ao magistério por 45 anos. Leciona em vários colégios. Torna-se catedrático de português no Colégio Pedro II.

Silva Ramos morre no Rio de Janeiro, a 15 de dezembro de 1930.



SILVA RAMOS

Poeta, cronista, ensaísta, filólogo,
conferencista, jornalista, tradutor e
professor

Tobias Barreto

Tobias Barreto de Meneses nasce em 7 de junho de 1839, na província de Sergipe, na vila de Campos. Filho de Pedro Barreto de Meneses e de Emerenciana Maria de Jesus, estuda as primeiras letras em Campos, seguindo para Estância para cursar latim com Domingos Quirino. Era ainda um jovem de quinze anos quando conclui, em Lagarto, com o padre José Alves Pitangueira, o curso de latim.

Em 1864 ingressa na Faculdade de Direito de Recife. Dedicar-se ao magistério particular com aulas de francês, latim, história, retórica e filosofia, mas perde o 3º ano do curso de Direito por faltas.

Em 1869 casa-se com Grata Mafalda dos Santos e vão morar em Recife, onde Tobias bacharela-se em 15 de novembro, pela Faculdade de Direito.

Em 1871, muda-se para Escada e instala a Tipografia Comercial, onde imprime seus escritos em português e em alemão.

Paralelamente às atividades tipográficas e editoriais, dedica-se à advocacia e aos estudos do idioma alemão.

Tobias Barreto morre no dia 26 de junho de 1889.



TOBIAS BARRETO

Advogado, professor, filósofo e poeta

CADEIRA 38

FUNDADOR

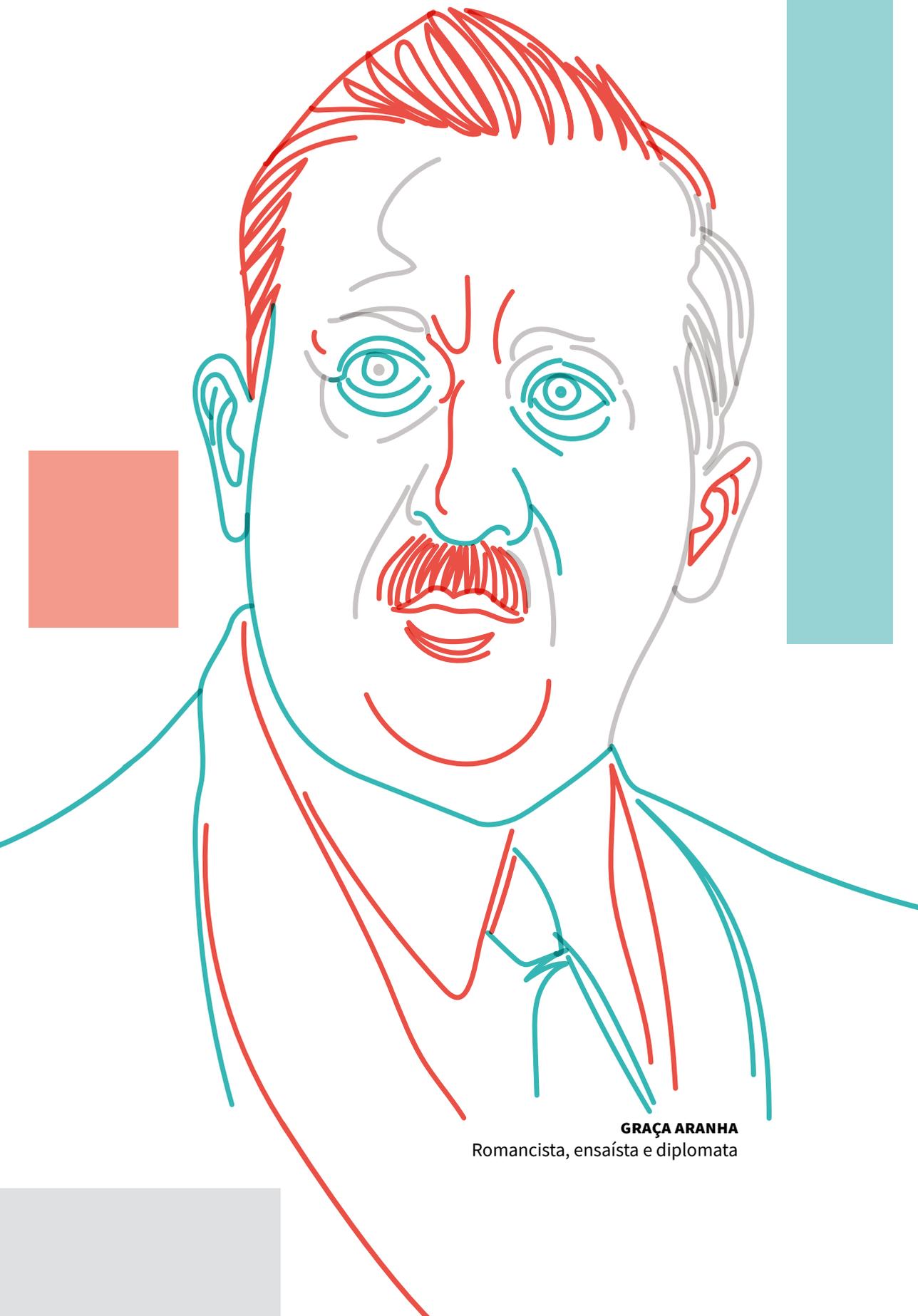
Graça Aranha

José Pereira da Graça Aranha, filho de Temístocles da Silva Maciel Aranha e de Maria da Glória Graça Aranha, nasce em São Luís, aos 21 de junho de 1868. Aos 13 anos, concluídos os estudos primários e secundários em São Luís, transfere-se para Recife, matriculando-se, em 1881, na Faculdade de Direito, onde se bacharela a 3 de dezembro de 1886, com dezoito anos.

Ainda no Maranhão, em 1888, é nomeado juiz de direito e órfãos de Vitória e Arari. Viaja para o Sul e Sudeste, dedica-se à advocacia, ao magistério e à magistratura. Em 1890 é nomeado juiz municipal de Cachoeiro de Santa Leopoldina (ES), demitindo-se em 19 de janeiro de 1891. Em 1894 é nomeado procurador seccional da República (Rio de Janeiro), demitindo-se em 1896.

Acompanha Joaquim Nabuco nas missões a Londres e Roma e, em 1899, é nomeado secretário do chefe da Missão de Defesa dos Direitos do Brasil na questão de limites da Guiana. Em 1900 torna-se secretário do ministro do Brasil em Londres. Em 1902, é nomeado secretário da missão especial na Itália, em 1905, secretário do Tribunal Arbitral Brasileiro-Boliviano e 2º secretário da legação. Em 1906, do Arbitral Brasileiro-Peruano. É promovido a 1º secretário da legação. Em 1909, é encarregado de negócios na Suíça e, no ano seguinte, na Noruega e Dinamarca.

Morre no Rio de Janeiro, aos 26 de janeiro de 1931.



GRAÇA ARANHA

Romancista, ensaísta e diplomata

Francisco Adolfo de Varnhagen

Em 17 de fevereiro de 1816, Francisco Adolfo de Varnhagen (o visconde de Porto Seguro) nasce em São João de Ipanema (SP). Em 1822, no Rio de Janeiro, dá início aos estudos de primeiras letras. Logo depois embarca para Portugal com a família, onde faz os estudos primários e secundários e conclui o curso de engenharia militar em 1840.

Matricula-se no Real Colégio Militar da Luz, em Lisboa. Concluído o curso do Colégio Militar em 1832, matricula-se na Academia de Marinha de Lisboa.

Em 1834 inicia os estudos de língua alemã no Colégio dos Nobres, o curso da Academia de Fortificação e conclui o curso de engenharia. Aos 22 anos, Francisco é eleito membro da Academia das Ciências de Lisboa na categoria de Belas Artes. Posteriormente, licencia-se do Exército português para vir ao Brasil e é eleito membro correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

É nomeado pelo imperador D. Pedro II para desempenhar o cargo de adido de primeira classe à Legação do Brasil em Lisboa com a incumbência de pesquisar documentos sobre a história e legislação do Brasil. É eleito membro da Academia das Ciências de Munique (Alemanha). É eleito membro da Société de Geographie de Paris, por proposta de M. d'Avezac. Assume o cargo de ministro residente na Venezuela (Caracas), Nova Granada (atual Colômbia) e Equador.

Em 1864, com 48 anos de idade, casa-se com Carmen Ovalle y Vicuña, de aristocrática família do Chile. Tem dois filhos. Falece em Viena aos 26 de junho de 1878.



FRANCISCO ADOLFO DE VARNHAGEN
Militar, diplomata e historiador

CADEIRA 39

FUNDADOR

Oliveira Lima

Manuel de Oliveira Lima, filho de Luís de Oliveira Lima, nasce na cidade de Recife aos 25 de dezembro de 1867.

Aos 8 anos os pais se mudam para Lisboa, estuda no Colégio dos Lazaristas e, posteriormente, na Escola Acadêmica. Cursa diplomacia no curso da Torre do Tombo.

Em 1890, com a morte de seu pai, viaja para o Rio de Janeiro, onde inicia a carreira diplomática. Torna-se 2º secretário do Brasil em Lisboa. Em 1891 casa-se com Flora de Oliveira Lima. De 1892 a 1895 mora em Berlim, servindo com o 2º barão de Itajubá, Marcos Antônio de Araújo e Abreu. Viaja por vários países, como Bélgica, Holanda, Alemanha, Áustria, Suíça e Itália. Em 1896 é escolhido para 1º secretário da Legação Brasileira em Washington, e, em 1899, encarregado de negócios do Brasil em Londres, e depois no Japão. Em 1904 é designado ministro na Venezuela. Em 1907 vai para a Bélgica.

Oliveira Lima doa sua biblioteca (cerca de 40 mil volumes) à Universidade Católica de Washington. Falece aos 24 de março de 1928.



OLIVEIRA LIMA

Historiador, jornalista, diplomata e conferencista

CADEIRA 40
PATRONO

Visconde do Rio Branco

Aos 16 de março de 1819, em Salvador, província da Bahia, nasce José Maria da Silva Paranhos (o visconde do Rio Branco), filho de Agostinho da Silva Paranhos e de Josefa Emerenciana Barreiro Paranhos. Sua educação fica a cargo do coronel de engenheiros Euzébio Gomes Barreiro, tio do lado materno, que lhe proporciona sólida instrução secundária.

Com dezessete anos incompletos embarca na fragata Imperatriz com destino ao Rio de Janeiro, onde se matricula no 1º ano da Escola da Marinha. Logo depois matricula-se no 2º ano do antigo curso da Escola Militar, para tornar-se engenheiro. É professor de fortificação e artilharia, na Escola de Marinha, passando depois a lente de mecânica na Escola Central, terminando sua carreira no magistério na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, onde é jubulado em 1877.

Casa-se com Teresa de Figueiredo Faria. Tem nove filhos, sendo o primogênito o futuro barão do Rio Branco. É admitido no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro como sócio correspondente.

Por decreto é nomeado secretário da missão especial no Rio da Prata chefiada pelo marquês do Paraná, na qualidade de enviado extraordinário e ministro plenipotenciário em missão especial. É agraciado com o título de Comendador da Ordem da Rosa, pelos serviços prestados na missão especial do Rio da Prata.

Deixa o Ministério da Marinha para ocupar o Ministério dos Negócios Estrangeiros. Acumula as funções de ministro da Marinha. É nomeado membro efetivo do Conselho Naval e exerce esse cargo até 17 de setembro de 1860, quando pede exoneração.

Abrindo-se uma vaga no Senado, candidata-se ao posto numa lista tríplice, sendo o mais votado e escolhido pelo imperador. Em 1864 é nomeado ministro plenipotenciário para uma missão especial no Rio da Prata, encerrada com a celebração da Convenção de Paz (Tratado da Tríplice Aliança). Morre no Rio de Janeiro em 1º de novembro de 1880.



VISCONDE DO RIO BRANCO
Estadista, militar e jornalista

CADEIRA 40
FUNDADOR

Eduardo Prado

Eduardo da Silva Prado, filho de Martinho da Silva Prado e de Veridiana Valéria da Silva Prado, nasce em São Paulo, aos 27 de fevereiro de 1860.

Ingressa na Faculdade de Direito de São Paulo aos quinze anos de idade, onde se bacharela em 1881.

No segundo império torna-se adido à Legação do Brasil em Londres. Com a proclamação da República em 1889, conserva-se fiel à Monarquia.

De volta ao Brasil dirige o jornal *O Commercio*, de São Paulo.

Nos últimos anos de vida retira-se para a Fazenda do Brejão, no interior de São Paulo, entre Moji-Guaçu e São José do Rio Pardo. Cuida da agricultura e, principalmente, de sua preciosa biblioteca.

Eduardo Prado falece em São Paulo, de febre amarela, a 30 de agosto de 1901.



EDUARDO PRADO

Cronista, conferencista, adido em Londres
e jornalista

REFERÊNCIAS

LIMA, Israel de Souza. *Biobibliografia dos patronos*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010.

SÉRIE ESSENCIAL. São Paulo: Imprensa Oficial. Academia Brasileira de Letras.

<http://www.academia.org.br/academicos/membros>

O projeto gráfico deste livro vale-se de cores vibrantes e do movimento da linha feita a mão, como na escrita, para moldar os patronos e fundadores da Academia Brasileira de Letras.

As linhas que escapam das ilustrações e permeiam as páginas do livro passam a sensação de perenidade desses imortais, que são aqui retratados com a liberdade necessária para superar os limitados registros fotográficos disponíveis.

Na capa, os fios coloridos formam um busto incógnito, composto por fragmentos dos desenhos dos quatro ilustradores que colaboraram no projeto.

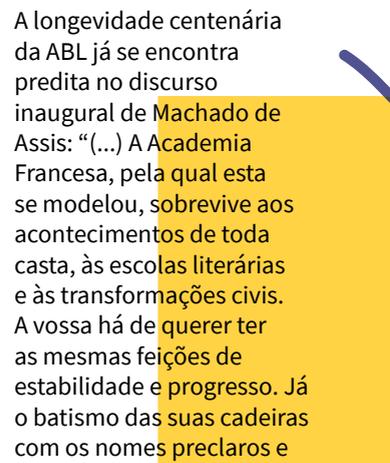


Com ilustrações modernas criadas especialmente para este livro, *Imortais: patronos e fundadores da Academia Brasileira de Letras* reúne breves biografias das personalidades que compuseram a instituição em seu início, os fundadores, e dos memoráveis expoentes escolhidos como patronos de suas respectivas cadeiras.

A Academia Brasileira de Letras foi inaugurada em 20 de julho de 1897 no Rio de Janeiro com o objetivo de cultivar a língua e a literatura nacional para o progresso das letras e da cultura no país. Como na Academia Francesa, compõe-se de quarenta membros efetivos e perpétuos, além de vinte sócios correspondentes estrangeiros.



A entidade surgiu pela ideia de um coeso grupo de escritores da época, reunidos inicialmente na sala de redação da *Revista Brasileira*, de José Veríssimo. Desde logo aclamado presidente por integrantes como Joaquim Nabuco, Olavo Bilac, Rui Barbosa e Aluísio Azevedo; coube a Machado de Assis, incontestavelmente, dirigir a agremiação nos seus primórdios. Cada um dos fundadores escolheu o patrono de sua cadeira, sendo designados, entre outros, Álvares de Azevedo, Basílio da Gama, Casimiro de Abreu, Castro Alves, Gonçalves Dias, José de Alencar, Martins Pena e Tomás Antônio Gonzaga.



A longevidade centenária da ABL já se encontra predita no discurso inaugural de Machado de Assis: “(...) A Academia Francesa, pela qual esta se modelou, sobrevive aos acontecimentos de toda casta, às escolas literárias e às transformações civis. A vossa há de querer ter as mesmas feições de estabilidade e progresso. Já o batismo das suas cadeiras com os nomes preclaros e saudosos da ficção, da lírica, da crítica e da eloquência nacionais é indício de que a tradição é o seu primeiro voto. Cabe-vos fazer com que ele perdure. (...)”





edições câmara
CIDADANIA

